

# ILUSTRAÇÃO



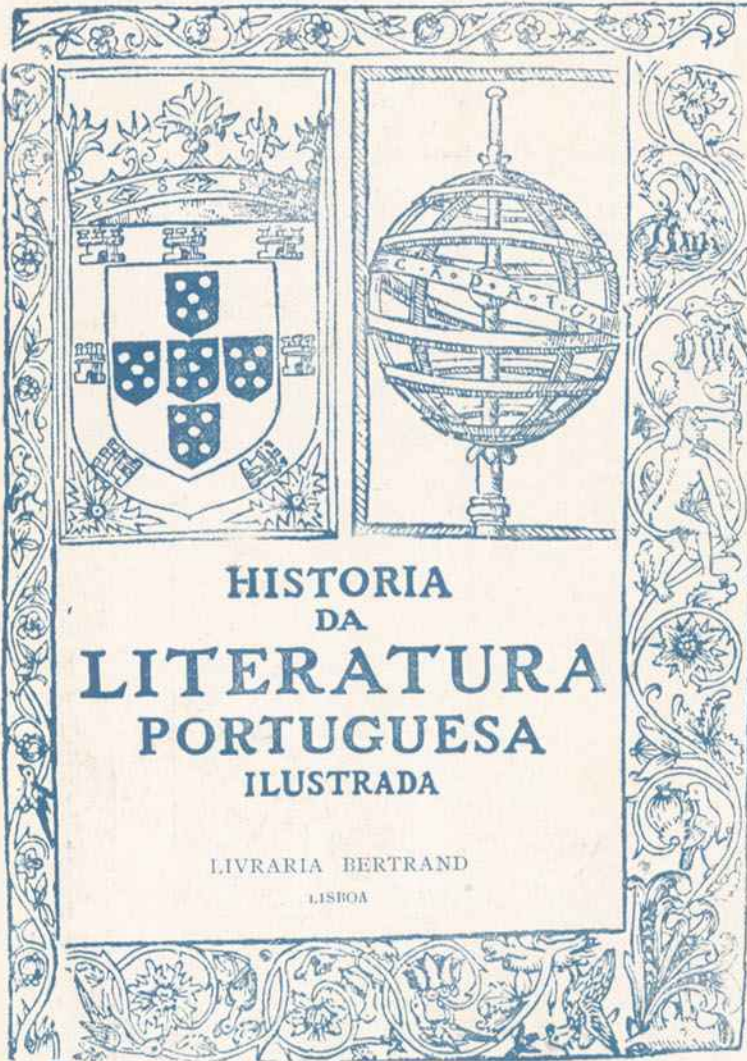
COSTUMES PORTUGUESES — (VILA DO CONDE)

Aquarela de Alfredo Motais

1. Maio - 1932

N.º 9 — 7.º Ano

Preço - 5 esc.



HISTORIA  
DA  
**LITERATURA  
PORTUGUESA**  
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND  
LISBOA

**A sair brevemente o XXXV tomo**

**A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE**

**EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO . . . . .	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . . . . . 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SÂMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- FRANCO LOPES VIEIRA, escritor.  
FONSECA DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
GOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
GOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEIVA, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO CH., da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
RITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARRÓS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoencanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Académias das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENJAMIN AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHE,  
MAGNICAMENTE ILUSTRADOS

**E CONTERÁ**

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

# Fóra com as dôres!

## CAFIASPIRINA

livra de dôres  
e restabelece  
o bem estar.



Tambem a mim este excelente remedio tem prestado prontos e duradouros serviços contra a minha migraine.

Não prejudica o coração nem os rins!



### ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.<sup>a</sup>

Editor: Francisco Amaro

Composto e Impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.<sup>o</sup> — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Desinfecte e perfume a sua casa com

N' venda em todas as boas drograrias

# Sapoforme

**Novidade Sensacional**  
**Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida !**

Duma maneira geral procedese da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e seccam-se; depois de devidamente secos com um pente apropriado (doce-hurador), penteam-se com a cabeça alçada (doce-hurador), penteam-se com o PENTE ONDULADOR para os lados; depois de seccados os cabelos, fazer deslizar o pente de 10 a 15 vezes, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda:  
D. E. B. E. L. E. Z. A.  
M. dos CAMPOS  
Av. da Liberdade,  
35 — Lisboa

ACADEMIA SCIENTIFICA

**PEIGNE ONDULATEUR**  
VIENNA

Preço Esc. 15\$00

# ROBBIALAC

## ESMALTE DE SECA RAPIDA

### Mobilia De Verga E De Jardim

As cadeiras e as mezas em verga, especialmente quando usadas nos jardins ou varandas, deterioram-se muito facilmente desde que não estejam bem protegidas.

Esta protecção é porem facilissima de obter cobrindo estes moveis com uma demão de ROBBIALAC DE SECA RAPIDA, pois este Esmalte escorre como um creme e os vestigios da trincha desaparecem á medida que se vaec pintando.

Quando V. Exa estiver a trabalhar sobre moveis de jardim não perca a oportunidade de empregar os tons mais alegres e brilhantes do ROBBIALAC.

O ROBBIALAC seca rapidamente, é um Esmalte á prova da agua e do tempo, não estala, não empolla, não greta.

É fornecido pelo seu droguista em branco, preto e varias lindas côres.

SOCIEDADE ROBBIALAC  
LIMITADA,

Rua Novado Carvalho,  
15, 1.<sup>o</sup> LISBOA



### O Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornarse-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



# CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes  
de 14—50—125 e 250 gramas.



# Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro . . . . .	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins . . . . .	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa . . . . .	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa . . . . .	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira . . . . .	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores . . . . .	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores . . . . .	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório . . . . .	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro . . . . .	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola . . . . .	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto . . . . .	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega . . . . .	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro . . . . .	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

**LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**

## BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

**Acaba de aparecer**

# "O Tesouro da Casa Amarela"

Por **D. FERNANDA DE CASTRO**

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplendido  
teatro infantil

- |  |                                 |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i>       | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i>       |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> |                                 |

**PREÇO : 5\$00**

À venda na filial do "Diário de Notícias"

**LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11**

**e em todas as livrarias**



**JÁ ESTÃO A VENDA  
OS RECEPTORES DE RADIO  
MODELO 1932**

LISBOA

150, Rua Augusta, 152

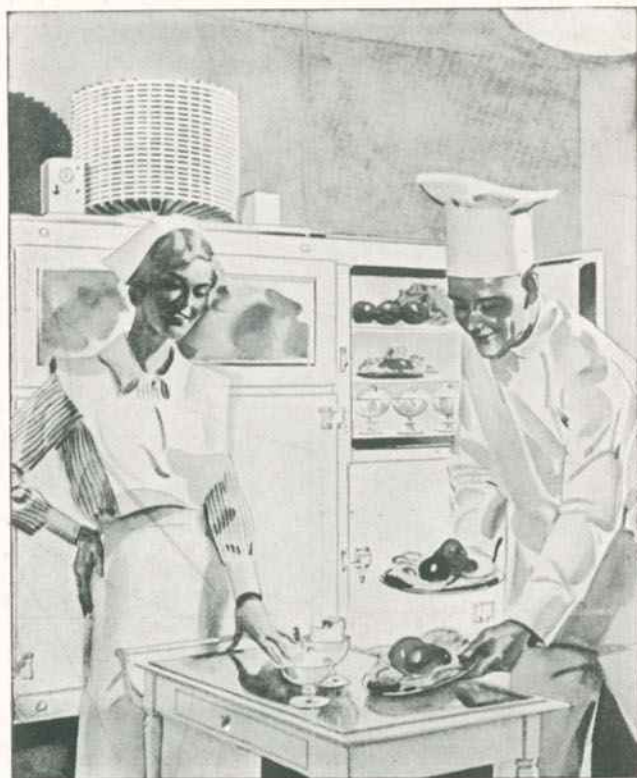
PORTO

192-198, R. S.ª Catarina, 206-208

**HIS MASTER'S VOICE**

# GENERAL ELECTRIC

## Refrigerator



**MECANISMO SIMPLIFICADO  
E SILENCIOSO CONSUMINDO  
MUITO POUCA CORRENTE**

**A sua grande simplicidade  
é o resultado de quinze  
anos de investigações e  
estudos nos laboratórios  
de electricidade**

**GENERAL ELECTRIC COMPANY**



*A marca GENERAL  
ELECTRIC é a me-  
lhor garantia de boa  
qualidade d'um apa-  
— relho electrico —*

### **A DESPENSA HIGIENICA IDEAL**

**COM ELA:**

**Apetecíveis e deliciosas sobremesas  
Menús variados todos os dias  
Os alimentos sempre em perfeito estado  
de conservação**

**Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.  
O armario frigorifico simplificado  
Uma simples tomada de corrente basta  
O Refrigerator automaticamente fará o resto**

**PROTEJA A SAUDE DE SUA FAMILIA INSTALANDO EM SUA CASA UM**

## **GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR**

**Concessionario geral para Portugal e Colonias**

**Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.<sup>da</sup>**

**Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Df.º - LISBOA - Telef. 2 53 47**

## Crónica da Quinzena

A PONTAVA a última crónica, ao mencionar a eleição presidencial alemã, que, não fôra o prestígio pessoal de Hindenburg, caberia a Hitler a vitória. O povo da confederação germânica, não preferira, em 1.º de Abril, o candidato dos partidos do centro, porque se limitara a votar o nome querido do marechal. A outro candidato apresentado pelos mesmos grupos, corresponderia resultado bem diverso. Assim o prova o acontecimento saído das urnas no dia 24.

A maioria que, apesar de relativa, não deixa de ser esmagadora, de proporção nunca vista, pertence aos nazis. Os restantes da prosa variedade partidária do Reich, quedam atrás, a distância que os reduz a poeira indistinta. Dêsses, o mais forte, apresenta meia estatura do campeão. E para tanto, precisou de ser o detentor do governo e jogar com os respectivos trunfos.

Sem sombra de dúvida tem de registar-se o triunfo iniludível de uma causa pouco vulgar, sobretudo pouco tranqüilizadora. Basta compreender que, muito mais que uma doutrina, ela se apresenta como uma bandeira à frente de um exército.

Não falta quem qualifique de fascismo alemão esse grupo, violento e activo, que marcha para a conquista do poder. Os que assim algam, cedem ao geito corrente de aplicar uma rubrica conhecida a quanto lhes apparece de novo.

A única semelhança dos dois fenómenos está apenas em serem ambos de carácter nacionalista, facto bastante poderoso para, em tudo o mais, se diferenciarem. O fascismo começa e acaba italiano, não cessando, em cada hora, de proclamar a sua ambição de italianidade. Também o nazismo será, de princípio a fim, germânico, não tardando a bater nos ouvidos do mundo com o seu mote de germanidade ou outro de tom igual.

O que já se sabe de certo é que o novo organismo político não vem para subordinar-se. Pode mesmo aceitar-se que vem para o contrário. E o primeiro acto de insubmissão consistirá em não pagar a dívida externa. A seguir ver-se-á.

Para esse acto, de fácil cometimento, não se requiere talento especial. Dada a sua indolente passiva, qualquer o executaria. Quando vir a hora de tomar iniciativa para criar o novo preceituário político, prometido aos de dentro da nação alemã, então se apreciará o valor da brigada de assalto que vai tomar o governo dos Estados componentes do Reich.

Nada é lícito ajuizar enquanto as mãos não se puserem à obra. Hitler, com a sua milícia, constitui incógnita igual à de Mussolini no instante da chegada a Roma. Ninguém pre-

via, então, a seqüência, e, portanto, o significado do acontecimento.

O mundo não esperava a eclosão de nova modalidade social, como não a esperava do caso Lenine. E a grande novidade appareceu em Roma e Moscovo.

Por outro lado, supôs-se que Primo de Rivera trazia no ventre uma grande cria e resultou em abôrto.

Sentemo-nos na bancada, assestemos o binóculo para o palco alemão, onde começa o espectáculo, nesta hora reputado como um dos mais emocionantes de um mundo pouco banal.

\* \*

Um jornal apresentou balanço do primeiro ano da República Espanhola, com 200 mortos, 1.000 feridos, 4.000 greves revolucionárias.

Duzentos mortos para instalar um regime novo em país daquelas proporções, com o tempero de ânimo peculiar nos seus naturais, não se há-de classificar de espantoso. A conta das quatro mil greves pode surpreender um pouco mais, quando recebida sem preparo. Faz 11 greves por dia. Certamente constitui cifra primacial, de campeonato nunca excedido em qualquer outra região do globo.

Representa o facto a simples falta de prática no manejo da liberdade, que muitos afirmam requerer pericia especial? Ou destina-se a manobra a ensaiar qualquer mecanismo diverso da República de oradores, iniciada em Abril de 1931?

Seria curioso de ver o registo luminoso, com movimento, no género das estatísticas vivas apresentadas nas exposições, onde se visse lambejar no mapa, segundo a ordem da sua eclosão, os lugares e quantitativos populacionais envolvidos na onda que percorreu o território.

Notar-se-ia em tôdas as direcções do quadrante o acender e apagar sucessivo, regulado com ritmo especial, lembrando música que mão de mestre executasse em teclado invisível. E talvez que o espectáculo, depois de interessar pelo jôgo imprevisito das luzes, começasse a falar como um livro aberto, mostrando a lógica do que parece absurdo e o rigôr metódico, disciplinado, do que se apresenta confusional.

O calmo observador poderia concluir que a agitação, ao primeiro relance incoordenada, impulsiva, ao arbitrio de multidões sem tino, bem pelo contrário funciona com a regularidade de máquina destinada a serviço de precisão.

Accita-se que o presente à vista seja a montagem e experiência, peça por peça fabricada, do aparelho revolucionário que, depois de pronto, trabalhará como um relógio de boa marca. Ensaiam-se as rodas, os eixos, as molas, substituem-se as imperfeitas, de aço mole, limam-se, apuram-se, até que venha a reconhecer-se exemplar a mecânica. E então, só então, do mesmo modo que Marconi acendeu as luzes de uma exposição na Austrália, Staline poderá, com uma simples pressão do dêdo, abrir a corrente que incendiará a Espanha tôda no mesmo minuto.

Isto, que de fora se distingue com facilidade, passa despercebido aos que estão perto. Esses tomam, quanto observam, por esprequiçamentos da República moça, daí brincalhona, ou um pouco estúrdia. Dizem êles que nem monarquismo, nem comunismo, o sangue espanhol accita nesta hora.

Veremos se a opinião dos rurais andaluzes e aragoneses, dos artifices vascos e catalães, difere por completo da manifestada pelos advogados e médicos de Madrid.

\* \*

Considerava-se a preguiça um defeito ou vício freqüente em portugueses. Com a diversidade de crises e conseqüente alteração de valores, vagueando pelo mundo, o conceito mudou para virtude. Agora o santo e meritório consiste em não bulir com um dêdo. Está consagrada e autenticada a doutrina, numa gymnástica escolhida para as escolas, que se pratica sentado e deitado. Suspeitam uns de que a mesma se executa a dormir, outros de que também pode ser em estado de vigília. O essencial é proceder mexendo o menos possível com o corpo, nada que se pareça com saltar e correr.

Fica desde já assente que os jogos e brincadeiras, outrora preferidas das crianças, se contam como perniciosos, devendo proibir-se como o uso da água dos poços ou a carne de pôrco crua.

Escreveu-se na crónica da última quinzena que em Portugal nunca acontecia nada. Há a corrigir o assêrto. Acontecem coisas destas, das mais imprevisitas que o noticiário das cinco partes do orbe regista.

Este saboroso invento de uma gymnástica quieta faz lembrar aquela velha história do «môço ancião sentado num banco de pau de pedra que muito calado assim diria...»

Que melhor queremos e de mais novo para matar o tédio ocidental?

Samuel Maia.

THOMAS Mann é, na hora que passa, o escritor mais representativo da Alemanha contemporânea: a mais saliente figura da moderna literatura germânica. Foi o Prémio Nobel de 1929.

De origem portuguesa, pelo lado materno, e alemã pelo paterno, nasceu em Lubeck em 1875. Aos dezanove anos foi para Munich, onde esteve primeiramente empregado numa companhia de seguros. Pouco depois abandonou a vida prática e passou a frequentar a Universidade de Munich, onde estudou literatura, história e história de Arte. Visitou, alguns anos mais tarde, a Itália, e foi, durante algum tempo, editor da revista *Simplissimus*.

As suas obras, que aparecem por igual datadas, duma sobriedade admirável e duma lucidez e força surpreendentes, podem rapidamente ser enumeradas, pois revelam, numa progressão crescente, os métodos de construção e estilo do grande inquieto de Lubeck.

Em 1903 publicou *Buddenbrooks Verfall einer familie*, em 1906 um drama, *Fiorenza*, em 1912, *Der Tod in Venedig*, em 1915, *Königliche Hoheit*, em 1918, *Betrachtungen einer Unpolitischen*, uma declaração política de conservantismo, em 1919, *Tonio Kröger*, e em 1925, *Der Zauberberg*, porventura a sua melhor obra.

Adquiriu a nomeada que disfruta hoje com o seu livro os *Buddenbrooks*, história duma família muito célebre na Alemanha. A dualidade étnica da sua origem explica de certo modo a liberdade extrema da sua técnica de realização—que ousa libertar-se inteiramente daquela celebrada música de abstracções que começou em Goethe e de que o povo teutónico ainda não conseguiu desprender-se.

Afirma o ensaísta alemão A. Mendelssohn Bartholdy a propósito do autor dos *Buddenbrooks*: «Thomas Mann, que tomou de Theodor Fontane a inspiração dos seus subtis e genuínos retratos da sociedade germânica do norte, é na hora que passa, pela publicação da sua última novela da vida contemporânea *Der Zauberberg* (A montanha mágica), o mais indiscutível mestre das narrativas em prosa. O estudo dos principais caracteres a par de certos traços exóticos engloba nesta novela a totalidade do intelecto germânico no mesmo espírito que vive e se agita na sociedade inglesa, analisada nas melhores novelas de C. Meredith».

Entanto, Thomas Mann, vigorosa encarnação do espírito democrático, inteligência nitidamente livre contrária a *poussé* nacionalista alemã, e talvez haurindo a clarividência, do que é a liberdade, no sangue latino que lhe vem de sua mãe, representa na literatura contemporânea europeia, o mais típico caso de inquietação. E, o mais interessante, é que esse estado de espírito e inteligência é no autor do *Tonio Kröger* perfeitamente paralelo a semelhante transe na literatura portuguesa de antes e de após-guerra.

Se, para ajuizarmos do valor da inquietação, em Thomas Mann, fizermos um breve estudo das suas obras mais significativas, constataremos facilmente, que nelas há, certos traços, decisivos estados de alma lusíadas, inesperados no analista subtil dos *Zauber-*

# THOMAS MANN E A INQUIETAÇÃO LUSÍADA

berg, e de certa maneira elucidativos da sua origem.

É verdade, que, Thomas Mann, há alguns anos já, definiu tão bem a ânsia de ritmar os motivos que surge, sobretudo, na arte inquieta dos meridionais, que estas suas palavras cheias de elegância e precisão: «...porque ainda que soubesse perfeitamente que o amor trazia muito sofrimento, tormentos e humilhações, destruía a paz de alma e enchia o coração de melodias, sem que fôsse possível encontrar o repouso necessário para lhes dar uma forma precisa, e criar na calma, uma obra acabada, éle o acolhia, apesar de tudo, com alegria, abandonando-se-lhe inteiramente, pois não ignorava que amar torna opulento e vivo e éle aspirava a ser opulento



THOMAS MANN

e vivo de preferência a criar na calma uma obra acabada...» são, por assim dizer, o introito que nos permite analisá-lo na interdependência espiritual e rática, que o determinou, e que faz com que éle esteja tão paralelo com os nossos humoristas líricos que os seus estados de alma ultrapassam a finura do lirismo português contemporâneo, lembrando Bernardim, e a contemplação da Menina dos Rouxinóis, circunstância que mais avigora a nossa concepção de que a dialética de Mann, é por vezes profundamente portuguesa, e que só a sua clarividência germânica, o não deixou tombar no declive lamentável de alguns poetas de cá do torrão, que consideram a sensibilidade acima de tudo e antes de mais nada, assérto este que pode ser verificado num trecho dum livro, em que o crítico arguto dos *Zauberberg* esboça as relações entre a estética e os sentimentos:

«É preciso ser imbecil para acreditar que aquele que cria tem o direito de sentir...»

Que todo o mal-estar de inteligência e sensibilidade lusíadas estão afinal luminosamente condensadas nestas palavras de Thomas Mann: «...porque sabia bem o que era ser chamado a conhecer sem ter nascido para isso».

Na sua obra *Tonio Kröger*, decerto um ensaio biográfico auto-crítico, abandona-nos Thomas Mann numa pujante e pungente sinceridade o esqueleto lúcido da mais lusíada e anteriana inquietação. Nele afirma a eterna obsessão portuguesa de que um artista deve ser sempre e só um artista, a profunda atracção que despertou o aplauso na sua inteligência—que só por esta razão, se não houvesse outras, aparece nitidamente latina, a nostalgia bizarra do normal, uma das saliências mais características da maior parte dos nossos poetas, a crença na defloração das suas ideias, a nirvânica concepção do seu sentimento, e finalmente um tão translúcido saudosismo que dir-se-ia que se trata dum português da mais pura água. A propósito de uma visita após vinte anos a casa de seus pais, diz-nos o autor de *Fiorenza*:

«Para onde ia? A sua Casa. Entretanto tomou um desvio, e deu um passeio fora da cidade porque ainda tinha tempo».

Impulsivo e melancólico como uma alma lusa! Quem poderia pensar isto em Portugal, de Thomas Mann, o mais eminente escritor da Alemanha actual.

Numa síntese admirável, que esclarece nitidamente uma outra modalidade da inquietação lusíada anota Thomas Mann: «Costumava dizer, que trazia em si próprio, a possibilidade duma quantidade de existências, juntas à consciência secreta de que elas eram no fundo, puras impossibilidades...» Apontamento, pelo qual nos é lícito pensar, que éle teve, talvez, a presciência de que a verdadeira finalidade do artista não consiste, como supõem certos líricos lisboetas, em desmembrarem-se em parcelas amorfas de personalidade, mas antes procurarem dar uma forma multiforme à sua actividade criadora, a dentro dum ciclo de obras primas, mas sempre da mesma estética.

A fatalidade do que é, e necessidade do que quer ser fizeram Thomas Mann traduzir também, a sua insinuante e indecisa agitação nestas palavras cansadas, tão mortas de emoção, e tão vivas de melancolia: Conheciam muito bem esse sentimento duma setentrional e inábil profundidade... sentia agitar em si forças maravilhosas... e sabia ao mesmo tempo, que aqueles para quem dirigia a sua mais ardente aspiração ficavam em relação a éle numa serena inacessibilidade... Estado de alma, desassocêgo, que, em verdade, o autor do *Tonio Kröger* expressa numa dialética genuinamente portuguesa.

A ideologia anteriana é, assim, no esteta de *Der Tod in Venedig*, uma conseqüência inevitável da sua inteligência e surge tão limpa e saliente, que esta sua frase meio sibilina define, duma maneira infosmável, a mesma formação, em que sofreu e se debatem o suicida das *Odes modernas*: ...que aquele que vive não pode trabalhar e que é preciso ser morto para ser absolutamente criador...

F. Alves de Azevedo.



# As rosas de Sœur Jeanne

O gabinete «gris Trianon» onde MADGE recebe. Na parede, sobre o fogão, um tapêto de Arraiolos, branco e azul. Numa mesa, entre livros e flores, um Buddha de bronze sorri. MADGE, trinta anos que parecem vinte e cinco, loira, suave, fina, corpo de criança, sorriso de criança, «toilette» de criança, levanta-se quando entra LOLOTTE, trinta anos que parecem quarenta, belos olhos negros, perfil duro de camafeu italiano, vestida como a Claudina do romance de Charlotte Willy. Caminham uma para a outra. Beijam-se.

lha como um homem. Não tive a felicidade de casar rica, como tu.

MADGE — Não usas o nome de teu marido?

LOLOTTE — Para quê? Cada um de nós usa o seu. Pelo facto de nos termos

casado, não adobicamos da nossa personalidade nem do nosso nome.

MADGE — Eu, se não usasse o nome do meu marido, não me julgava completamente casada. Não me sentia tanto dêle, como me sinto. Não era tão feliz, como sou.

LOLOTTE — O teu caso é outro.

MADGE — Somos ambas casadas.

LOLOTTE — Mas cada uma de nós vê o casamento de maneira diferente. Eu entendo que casar com um homem não é pertencer a êsse homem, não é ficar na dependência dêle. Preso muito a minha dignidade de mulher livre, para aceitar uma situação em que dependa seja de quem fôr, e muito menos do homem que amo. O casamento não é uma servidão, minha querida Madge: é uma associação de duas vontades independentes e livres, que se unem para suportar melhor a vida.

MADGE — É tão bom, Lolotte, servir o homem que amamos!

LOLOTTE — Eu não acho agradável servir ninguém.

MADGE — Se gostasses muito dêle, pensavas doutra maneira.

LOLOTTE — Mas eu já te disse. O teu caso é diferente. Tu tiveste a fortuna de

casar com um homem superior, com um homem céle-

bre, que tôda a gente admira, e que tu admiras como tôda a gente. Eu casei com um pobre rapaz ainda mais desconhecido do que eu. E depois, Madge, eu tenho a aspiração legítima de valer por mim só, e não por meu marido. Não nasci para viver à sombra de ninguém. Uma mulher pode valer tanto como um homem, e o tempo dos preconceitos passou.

MADGE — Tenho pena de ti, Lolotte.

LOLOTTE — Porquê?

MADGE — Porque tu não podes ser feliz.

LOLOTTE — Enganas-te. Sou feliz a meu modo. Sou uma mulher moderna, uma mulher do meu tempo.

MADGE — Tão moderna, que já tens cabelos brancos. Pois eu sou muito velha, muito antiga, e tenho a impressão, Lolotte, quando me vejo ao espelho, de que estou ainda mais nôva e mais bonita do que no tempo do colégio. E sabes porquê? Porque não me associei a meu ma-

do colégio. Não nos ensinavam a pensar.

MADGE — Mas ensinavam-nos a sentir. Devo a Sœur Jeanne o meu maior tesouro, que é a educação do meu sentimento.

LOLOTTE — Pois eu, Madge, para ter a noção perfeita das realidades da vida, precisei de esquecer tudo quanto Sœur Jeanne me ensinou.

MADGE — Que pena, Lolotte! E serás feliz, assim?

LOLOTTE — Não sei. É tão difícil, ser feliz!

MADGE — Eu nem reconheci a tua voz,

MADGE — Lolotte!

LOLOTTE — Minha querida Madge!

MADGE — Há quanto tempo eu não te via!

LOLOTTE — Desde o colégio. Como tu estás bonita!

MADGE — Fazes-me saudades, sabes? Há doze anos, não foi?

LOLOTTE — Há quinze. Saímos do colégio há quinze anos.

MADGE — Parece que foi ontem.

LOLOTTE — Parece que foi há uma eternidade. Já tenho cabelos brancos, vês?

MADGE — Pobre Lolotte! Não são brancos. São menos pretos do que os outros.

LOLOTTE — É a vida. — Teu marido está bem?

MADGE — Bem, obrigada. — Que idade tens tu?

LOLOTTE — Há quinze anos, tínhamos a mesma idade. Agora, não sei.

MADGE — Deve cansar muito, ser doutora, advogada, andar pelos tribunais, ser quasi um homem, como tu és.

LOLOTTE — Não são só os homens que trabalham.

MADGE — Tens tido notícias do convento?

LOLOTTE — Não. Nunca mais lá voltei. Não tenho tempo para nada.

MADGE — Sœur Jeanne morreu, sabias? Pobre Sœur Jeanne! Já não parece o mesmo colégio do nosso tempo. Os canteiros de rosas do claustro velho, que ela tratava com tanto carinho, já não têm nem uma flor.

LOLOTTE — Tenho poucas saudades

ao telefone. Tens a voz mudada. Só os teus olhos é que não mudaram.

LOLOTTE — É que os olhos envelhecem menos... — Perdôa ter-te incomodado. Mas eu precisava absolutamente de te falar.

MADGE — Vem sempre que quizeres. Eu recebo às quartas-feiras. Porque não vens tomar chá commoço, na quarta-feira? Apresento-te às minhas amigas. Conversamos.

LOLOTTE — Não, obrigada. Já perdi o hábito de conversar com mulheres. Não sei o que lhes hei de dizer. Não me interessam.

MADGE — Quer dizer que já és pouco mulher, Lolotte.

LOLOTTE — Tão pouco, que me casei.

MADGE — Tu casaste?

LOLOTTE — E tenho dois filhos, que adoro. Sou uma mulher como qualquer outra. Mas sou uma mulher que traba-



rido, como tu; casei com êle, dei-me de corpo e alma, tenho pena de não ser ainda mais pequena e mais obscura para que todos o vejam a êle só; e quanto mais quero apagar-me, e desaparecer, e não ser ninguém ao pé dêle, mais tenho a convicção de que, no nosso lar, quem representa o primeiro papel sou eu.

LOLOTTE — Isso é a poesia da servidão, minha querida Madge. Porque pensámos sempre assim, é que ficámos eternamente escravas. De um grande senhor, como tu, ainda vá; mas de um homem vulgar, custa muito.

MADGE — O homem que nós amamos, nunca é um homem vulgar para nós.

LOLOTTE — Sabes que não conheço teu marido?

MADGE — Tôda a gente o conhece.

LOLOTTE — Pelos retratos publicados nos jornais. Mas nunca falei com êle. É muito mais velho do que tu, não é verdade?

MADGE — Tem sempre vinte anos, para mim.

LOLOTTE — Vinte anos um pouco fatigados. Mas é elegante, é distinto, e oioço dizer que as mulheres gostam dêle.

MADGE — Eu, gosto. As outras não sei.

LOLOTTE — É por causa de teu marido que eu preciso de te falar.

MADGE — Vens dizer-me alguma coisa que me interesse?

LOLOTTE — Venho pedir-lhe um favor.

MADGE — Êle não está. Só à noite, para jantar.

LOLOTTE — Como tu calculas, eu ainda advogo pouco. Quási tudo causas crimes, advocacia pobre. Ainda não se habituaram à presença das mulheres no fóro, e a confiança dos clientes custa a conquistar. Convinha-me um lugar permanente, num ministério. O lugar de consultor jurídico, por exemplo. O govêrno só faz o que o teu marido diz, e um desejo dêle é uma ordem.

MADGE — Meu marido está todos os dias no Banco, das três às seis.

LOLOTTE — Não é pròpriamente a teu marido que eu venho pedir êste favor. Venho pedir-to a ti.

MADGE — A mim?

LOLOTTE — É só de ti que depende.

MADGE — Mas eu não tenho influência alguma no govêrno.

LOLOTTE — Mas tens influência sôbre teu marido. Êle só faz o que tu queres.

MADGE — Parece-te isso?

LOLOTTE — Tôda a gente mo diz.

MADGE — Talvez te enganem, Lolotte. — Que foi que te disseram?

LOLOTTE — Que teu marido é um homem superior e poderoso, mas que, verdadeiramente, quem manda és tu, porque exerces uma acção de domínio absoluto sôbre êle.

MADGE — Não é verdade. Eu não domino meu marido. Quem to disse, não nos conhece. Nem a êle, nem a mim.

LOLOTTE — Consegues dêle tudo quanto queres. É a mesma coisa.

MADGE — É diferente.



LOLOTTE — Até já houve jornais que se referiram à tua influência política.

MADGE — Só tenho influência no meu lar, no meu marido, nos meus filhos. Não sou feminista, e juro-te que, se um dia me dessem o direito de voto, não votaria.

LOLOTTE — O voto não é um direito, é um dever.

MADGE — Mas suponhamos que eu tenho a influência que tu supões. Que é que tu conclues daí?

LOLOTTE — Que podes fazer-me nomear, se quiseres.

MADGE — Nesse caso, reconheces que

eu tenho um poder maior do que o teu.

LOLOTTE — Não o contesto.

MADGE — E não precisei, para isso, de me formar em direito, vês? Nem de ser advogada e de andar pelos tribunais.

LOLOTTE — É uma profissão, como qualquer outra.

MADGE — É uma profissão que se criou para os homens, e que só os homens podem desempenhar bem.

LOLOTTE — Não sei porquê.

MADGE — Eu exerço uma influência maior do que a tua, sem sair, como tu dizes, da minha condição de serva.

LOLOTTE — É outra ordem de ideias.

MADGE — É a mesma coisa, tal qual! Estamos na aplicação prática dos teus princípios sôbre o casamento. Para valer por mim própria, não tive de declarar-me uma simples associada de meu marido, nem de proclamar, a todo o momento, a minha independência e a minha dignidade de mulher livre. Não precisei de tornar-me homem, como tu. Continuei a ser mulher, cada vez mais mulher, e se realmente tenho o poder que tu me atribuaes, devo-o às minhas qualidades femininas, à minha sensibilidade, ao meu coração, à minha ternura, — às minhas rosas de Sœur Jeanne.

LOLOTTE — As rosas de Sœur Jeanne murcharam para sempre.

MADGE — Mas ainda perfumei a minha vida inteira. — Ouve, Lolotte. Tens a certeza de que estás vago o lugar de consultor jurídico nalgum ministério?

LOLOTTE — Tenho. No ministério da Educação.

MADGE — Então, vai tranqüila.

LOLOTTE, erguendo-se — Nomeias-me?

MADGE — Não te nomeio, porque não sou ministro. Mas faço-te nomear.

LOLOTTE — Obrigada, Madge.

MADGE — Deixas-me pedir-te um favor, em troca?

LOLOTTE — Dize.

MADGE — Tens alguma filha?

LOLOTTE — Tenho.

MADGE — Bonita?

LOLOTTE — Um amor.

MADGE — Então, não a faças doutora. Olha que as mulheres que pretendem substituir os homens, mandam, afinal, muito menos do que as outras...

# COMO SE FAZ UM DEGREDDADO

**M**USSOBINE, degredado n.º 344/9071, é o meu criado de meza.

O passaporte dêle diz assim:

Depósito dos Degredados de Angola — *Tem licença para prestar serviço em Luanda, na Avenida Ferrer, para o sr. Fulano de Tal, nos termos da Circular n.º 24/B, da 2.ª Repartição, da 2.ª Secção, do Quartel General das forças do Exército, de 23 de Outubro de 1925, o condenado Mussobine, da 3.ª companhia, n.º 344/9071, de idade ignorada, casado, filho de Machado e de Domea, natural da Beira—Moçambique, com o salário mensal de 60\$00 e alimentação. Devem ser enviados a este depósito, até ao dia 5 do mês imediato àquele a que dizem respeito, 50 % do salário. — O comandante, Francisco Alberto dos Santos Lara, cap. de infantaria.*

Sinais característicos: altura, 1<sup>m</sup>.64; cabelo, carapinha; olhos, castanhos; rosto, oval; nariz, chato; boca, regular; barba, preta; e cor, preta.

Sinais particulares: orelhas furadas.

Observações: — O requisitante, além dos deveres gerais que lhe impõe o regulamento do D. D. A. de 26 de Dezembro de 1907, é obrigado mais aos seguintes:

1.º — A fazer comparecer o condenado, sempre que pelo Governo Geral, Comando do Depósito e Administração do Concelho, a isso fôr intimado.

2.º — As despesas com o tratamento nos Hospitais, por quaisquer prejuízos causados pelo condenado, do transporte do ponto em que se encontra à Sede do Depósito, e à alimentação e salário que lhe fôr estipulado.

3.º — Ao pagamento de 500\$00 de multa quando o condenado fôr empregado em serviço diferente daquele para que foi requisitado.

4.º — A apresentá-lo no Depósito sempre que dispensar os seus serviços.

5.º — A fazer apresentar o condenado, devidamente fardado, neste Depósito, todos os domingos, às 9 horas, devendo esta apresentação ser registada neste passaporte.

6.º — A satisfazer ao Conselho Administrativo dêste Depósito, até ao dia 5 de cada mês, os descontos no salário do mês anterior.

7.º — O Comandante do Depósito exerce as suas atribuições sobre todos os condenados, quaisquer que sejam as situações em que se encontrem, § único do art. 10 do Regulamento do Depósito.

8.º — O condenado não pode usar outro traje que não seja o do Regulamento do Depósito, nem transitar pelas ruas da cidade depois das 20 horas.

A vida!... Todos nascemos chorando, no terrível pressentimento da agonia de viver;

todos, desde o bebé cor de rosa que lança os primeiros gritos no palácio de pedra de pontegudos telhados, por onde resvalam as neves, ao boneco de chocolate, macio e espan-tadiço, que vê a luz sobre a esteira da palhota, ao sol escaldante dos trópicos.

*Eu quero morrer cantando,  
Já que chorando nasci.*

Mussobine é natural da nossa colónia de Moçambique, distrito da Beira, administração de Gouvulo, posto de Moucouque. Foi lavrador. Um lavrador preto, bem entendido, não é aquele tipo clássico de lavrador das nossas bouças, o mais resistente dos animais de trabalho, o mais apassionado e violento detentor da propriedade. Mas é também um trabalhador, e embora trabalhe num ritmo ralenti (quem inventou a frase «tra

balhar como um



negro» só viu a África em bilhetes postais), do seu trabalho vive e mantém os filhos e paga os impostos e com ele entra na grande engrenagem universal da vida cosmopolita. É um ser útil e, como tal, merece o nosso respeito; é um homem, e como tal, tem direito a que sejam tomadas em consideração as suas aspirações de ventura.

O que poderia desejar Mussobine? Mais gados, mais mulheres, mais filhos? A liberdade, a paz, o direito de se mover dentro das leis, sem ser molestado, sem molestar ninguém? Este ideal de patriarca bíblico não é tudo quanto há de mais honesto, mais estimável, dentro da nossa organização social e costumes vigentes?

Mas um dia a civilização implicou com

Mussobine. Um destacamento de soldados invadiu Moucouque e, preso, levado entre baionetas, este homem, chefe de família casado, com filhos, com interesses estabelecidos e vida organizada, foi levado à força para a cidade da Beira, para ingressar no exército colonial.

Tinha a cumprir três anos de serviço militar obrigatório.

A Grande Guerra, *pieuvre* de pezadêlo, estendeu os tentáculos a todo o mundo; a África Oriental Alemã defendeu-se bravamente, numa campanha soberba, digna de perdurar nos fastos heróicos da raça germânica, do ataque simultânea e conjugado, de portugueses, ingleses e belgas.

Conta-me Mussobine que fez a guerra alguns anos, contra os alemães; prolongou-se assim o seu tempo de serviço militar. Ele não consegue ainda perceber porque foi que os brancos se vieram guerrear para a terra dos pretos, e porque foi que os pretos portugueses e alemães andaram na guerra também; e, diz êle, muito inocentemente, muito admirativamente, «a gente não estava zangado com os outros!»

Eu ressalvo a minha responsabilidade pela versão dos factos que exponho. E Mussobine quem fala. É o degredado 344/9071 que expõe a sua versão do crime e que repete a frase, infelizmente tantas vezes verdadeira em boca de condenado: «Estou inocente!».

Excitados pelos alemães, fornecidos de armas e explosivos por êles, os indígenas de Macombe, território da Companhia da Zambézia, confinando com a África Inglesa, a Rhodésia, revoltaram-se. Recusaram-se a pagar impostos, a consentir autoridades portuguesas, a reconhecer a nossa soberania, etc., etc. Mussobine, regressando da guerra contra os alemães, fez parte do corpo expedicionário enviado para dominar os revoltados. O guerreiro não descansava; ia duma campanha para outra.

Durou dois anos a guerra contra os Macombes; submetidos, já tinham pago impostos duas vezes e a ocupação estava a terminar. Mussobine, o guerreiro, tinha esforçadamente trabalhado pela grandeza da sua pátria de imposição e essa pátria devia ser-lhe agradecida.

A região dos Macombes estava devastada; os revoltados pretos tinham destruído tudo que fôsse vestígio da ocupação dos brancos; casas, telégrafos, estradas, fazendas, tudo fôra arrazado; os exércitos de conquista em África utilizam o terror como elemento de captação; assim todo o território dêsses indígenas fôra devastado pelas nossas tropas.

Os postos reinstalados nessa região eram abrigados em palhotas, com palissadas indígenas, em estacaria e capim; as autoridades não tinham ainda as residências definitivas reconstruídas.

Uma noite, Mussobine estava de guarda a um posto, junto ao Zambeze; os oficiais dormiam em palhotas dentro da palissada; noutras palhotas guardavam-se os pretos presos nos últimos dias; em volta, havia espalhadas as pequenas cabanas dos soldados; a um lado passava o rio, gigante tropical, infestado de crocodilos.

A região voltava a estar pacificada. A guarda do posto era de três soldados; dor-

miam dois e velava um, à porta do cercado. Mussobine dormia quando ouviu gritos e viu depois altas chamas irromperem, simultaneamente, aqui e além.

Havia crime, crime de fogo posto. Na paliça sêca das coberturas o fogo bailava a sua louca dança funesta. Arden tudo. Os incendiários sumiram-se, entre o fumo e as trevas, ou amaram mais a liberdade que a vida e afrontaram a travessia do rio, pejado de feras.

Como responsáveis no crime responderam em conselho de guerra as três sentinelas de guarda a êsse punhado de estacas e fôlhas de palmas sêcas, que nada valia, mas que representavam um princípio de autoridade, atestavam uma soberania e guardavam uma bandeira portuguesa!

Mussobine não sabe se foi acusado de negligência ou conivência; sabe que foi condenado. Tem a cumprir quinze anos de degredo em Angola; e veio para aqui, com as duas sentinelas que com êle viram um clarão de inferno no clarão do fogo vingador dos Macombes.

Pode compreender-se o espanto, a desorientação dum pobre negro, alma primitiva, inteligência em balbúcius de compreensão, que nada sabe do mundo, nem da sua extensão, nem das suas várias e desvairadas gentes, levado no porão nauseabundo e sufocante dum barco, dias longos e noites infundas, êle animal bravo tonto de luz e espaço e liberdade crime? Em holocausto a que Deus é feito no clima, na flora, na fauna, nas gentes, mas onde se fala uma língua que êle não entende, onde ninguém o percebe, onde ninguém da sua terra ouviu contar!

Mussobine, o lavrador, Mussobine, o guerreiro, é agora o condenado 344/9071, vestido de ganga azul, numerado no peito, perdido na vida que o perdeu a êle. Quem tem poucas aspirações tem-nas grandes, e a um ente primitivo a quem cortam a liberdade e privam dos filhos, não deixam coisa alguma a que a alma mais tenaz possa prender um sorriso ou uma esperança.

Quando chega da África Oriental nova remessa de degredados, Mussobine exulta; com êles fala e pergunta e se informa, da terra, dos filhos, dos bens; nos primeiros tempos, enquanto durou o rescaldo da guerra, vieram vários degredados da terra dêle; soube assim que os filhos viviam e o pai lhe cuidava da fazenda; mas agora? Há anos que nada sabe; não lhes escreve; êles não sabem ler, nem mesmo sabem que se escreve para dar e receber notícias!

Os anos passam... Mussobine amou; uma beldade angolense, guarneçada de muitas pulseiras de cobre, com a carapinha espessa muito acamada em trancinhas; com ela aprendeu o dialecto daqui; aclimatou-se, organizou a sua vida. Para fugir ao encerramento do Depósito de Degredados e ter uma ilusão de liberdade, procura trabalho como serviçal em casas particulares. É bom, humilde, honrado e respeitador.

A minha meza de trabalho fica em frente da janela, largamente aberta sobre horizontes de arvoredos, céu e mar. De baixo, do quintal, vem-me um canto triste, nostálgico, melopeia arrastada e monótona como os nossos cantos alentejanos; olho e vejo Mussobine, o guerreiro, acocorado na esteira e polindo cuidadosamente, como se fôsse fecharias de armas principescas, as colhêres de prata servidas no meu almoço matinal.

**Maria Archer.**

# A Rainha Santa de Arouca

A vila de Arouca, terra de trabalho, tradições e Fé, vai em breve receber a visita anual de muitosromeiros

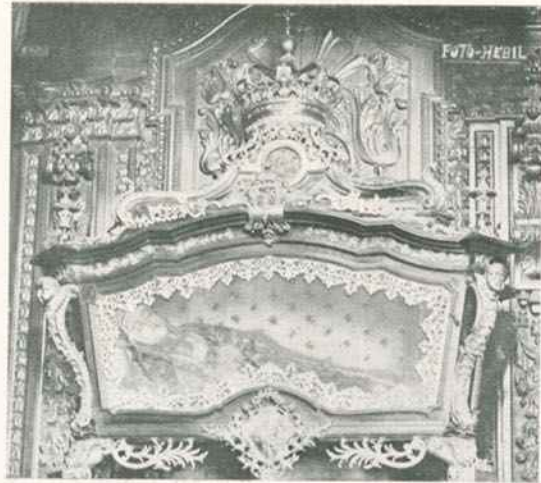
que vivem a devoção à excelsa Infanta e Rainha D. Mafalda, venerada no seu túmulo como a mais preciosa relíquia que guarda o Convento de Arouca.

O segundo domingo de Maio é o dia especialmente dedicado à festa da excelsa filha do rei *Povoador*; por isso a grandiosa igreja do Convento será pequena para recolher uma multidão viva de entusiasmo e Fé, um còro de preces e louvores à

bressai na verdade histórica, deixando na sua biografia um valioso legado que muito interessa à gente moderna.

A sua personalidade de nobilíssima fidalguia impõe-se agora, como nunca, às gentes especializadas da arte de apurar a bondade...; porque, não vivendo as palacianas cortesias, antes quis a grandeza da benignidade com que acolhia a todos que atravessavam os seus domínios.

A Igreja recebeu-a no *florêgio* das almas eleitas e consagra-lhe o culto de beata, quer dizer, bemaven-



O TÚMULO DA RAINHA SANTA MAFALDA



ASPECTO GERAL DO CONVENTO DE AROUCA

magnânima e hospitaleira Rainha que *por amor de Deus* deu vida de intenso labor e Fé aos povos daquela terra e, a expensas suas, promoveu obras de tão vasto alcance social que ainda hoje podem ser admiradas e proveitosamente continuadas.

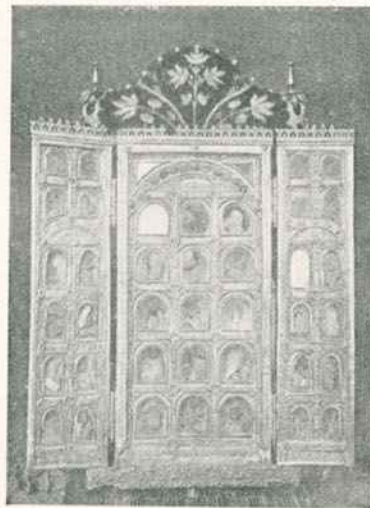
A poucos dias dessas festas, tão singularmente simpáticas para êsse povo, interessa evocar a figura da grande Rainha, não como tantas só aparentemente simpáticas mas moralmente simpática pela sua obra de civismo e moral cristã.

Não é uma figura lendária, pois vive e so-

turada. No *ofício próprio* retrata a caridade da virtuosa Rainha nêstes termos:

*Caritate in proximum flagrans, egenorum ca viduarum inopiam ingenti stipe levabat—ardendo em caridade para com o próximo, acudia com abundantes esmolas à miséria dos pobres e viúvas.*

Tão preciosa lição tem hoje ardente oportunidade em auxílio de tanta miséria que por aí se estadeia; por isso evocar tão nobre figura é mostrar uma luz de grande claridade, sobretudo aos que sabem invocar o seu patrocínio...



O RELÍQUIÁRIO DA RAINHA SANTA MAFALDA

# A LISBOA DOS MARÍTIMOS

A nossa capital não dá por que é um dos mais transitados portos do mundo. Ao lerem-se as memórias de oficiais da marinha mercante estrangeira, fica-se com uma impressão da cidade, que, se ainda com fama assim mundial, a estranhará o vulgo dos seus naturais. Porque a verdade é que os marítimos que, de toda a parte a ela aportam, desconhecem a súpula de Lisboa, como esta desconhece a Lisboa dos marítimos.

Vem a ser no âmbito dos cais, onde desde o amanhecer a alta ossatura dos guindastes de terra labora simultaneamente com os braços gigantescos que derivam dos vapores, e ainda nas imediações da cidade ao longo do pôrto, que encontramos os aspectos susceptíveis daquelas memórias que correm mundo. Ali, apesar da bela avenida que é hoje a quase marginal rua 24 de Julho, é que temos a noção duma cidade activa, mas desorganizada-fabril, metida pelo mar e onde os embarcações se confundem, se perdem com a população fixa dos molhes e docas: estivadores, calafates, vândios, etc. Tudo é, aparece ali, como população marítima, frequentando as mesmas tabernas, lupanares, e até as casas de câmbio.

Os capitães, esses, em geral vermelhoscos de gordos, quais autênticas pipas, buscam a mais pura cerveja e o melhor *whisk*, pelos *bars* do Corpo Santo, ou nos cafés amenos do Cais Sodré, por vezes fazendo-se acompanhar de alfaias galantes, que por ali poisam.

Converso com um destes, da guarda dum vapor norueguês, acostado ali algures. É apoplético, remansoso como as lufadas de fumo que tira do cachimbo, expressando-se-me num francês, que traduzo do meu melhor:

—Vimos com uma semana de mar desencabrestado, como se o navio tivesse borracho de todo o *whisk* do mundo; e cá nós, sempre atentos à manobra, ou esperando que o quarto-de-bordo mal nos findasse a distensão dos músculos. Oh, mas isto aqui é de estucha: que mar! que sol!! e em Novembro!!!

Sorri lisongeador. Ele prefere sorrir para a minha compatriota, e explica-me:

—O meu vapor é de carga, e, sem desfazer nos meus camaradas, todos caras-direitas, a viagem foi, não só dura, mas comprida. Muito longa!

Rimo-nos todos. Aproveito a boa disposição geral, para perguntar-lhe se está pela primeira vez em Lisboa, ou se já nos conhece. Diz:

—É a terceira vez que o meu barco faz baldeação cá no pôrto. Parei sempre por aqui, e estive numa rua aí perto... ali em cima...

A minha galante patricia protesta. Eu insisto:

—Sim, mas que tal acha o nosso pôrto?

—Como Nápoles. A cerveja é pior que em Hamburgo, mas bebe-se tão bom *whisk* como no Havre.

Volto a insistir:

—E ainda não provou o vinho, o vinho do pôrto? o Oporto-wine? Não viu o Rossio, a Avenida da Liberdade, uma das melhores artérias da Europa, e o Terreiro do Paço,

conhecido em todo o mundo com a Black-Horse Square? Já esteve nos Jerónimos, acolá, em Belem?

Ele sorve, dum trago, o seu *whisk*, afaga como a sua, a minha concidadã e ri largamente, como com o próprio ventre rotundo:

—Em toda a parte se bebe bom *whisk*, sem medida, e há mulheres alegres. Com tanto que seja em terra firme, longe lá dos rigores da disciplina, com que temos que dar o exemplo à marinhagem!

É volta a meter o cachimbo nos dentes, tirando as longas fumaças do seu ripanço. Eu despeço-me cortêsmente, ainda que um tanto desconsolado, e retiro-me em busca

cais, passam ébrios e fartos, dir-se-á que assim fizeram para não perder o ritmo pendular de bordo. De ordinário, não temos memória dos seus distúrbios; ou tudo fica entre eles. As cenas ferozes, que por vezes transpiram das adegas sombrias do pôrto, são sempre com a matulagem indígena. A gente embarcada guarda, ainda na terra firme e desceuidosa, o sentido da disciplina férrea de bordo e, como acostumada à vista dos maiores horizontes e ao pizo breve dos tombadilhos, não se distancia em terra; talvez ainda porque a ânsia, enfim liberta, os detenha de ir mais longe, e achem à mão com que fartá-la.

Foi o que também depreenhi das palayras daquele subalterno do vapor *Cardiff*, que descarregava vazilhame, no entreposto de Santos.

—*Good morning*—saúdo o marinheiro, no meu mais correcto inglês.

O loiro e rosado hércules corresponde-me prontamente:

—*Good-morning*.

Declaro-me lisboeta e falo-lhe do meu desejo de colher meia dúzia das suas impressões de Lisboa. Um daqueles braços gigantescos, à manobra de que ele está atento, vem de poisar no molhe um troço de barricas, e especifico-lhe: seis impressões, sômente.

Um formidável *yess fura*, seco, os meus tímpanos, que logo enche uma perfeita gargalhada de gigante loiro e rosado. Depois enumera-me as suas seis impressões, que traduzo:

—Mar chão. Esplêndido sol. Bom vinho. Mulheres desconfiadas. Homens pequenos. É o trabalho, que estou vendo.

Novamente um tanto descorçoado, peço desculpa de lhe perguntar ainda, se já viu, mais lá para diante, a célebre praça, conhecida universalmente na sua língua, pela *Black Horse Square*.

—*What's that?* (O que é isso?)—pergunta, de novo atento, aquele bravo gigantesco, que roda agora pelas alturas, para ir acolher mais vazilhame ao porão. E deixo-o entregue à manobra como um desconsolado *thank-you*.

Andei por ali, todo o dia. Um transatlântico veio acostar à doca de Alcântara, como ombreando com o cais a sua extensão e altura de arrogantes chaminés, enquanto das suas amuradas brancas se debruçava toda uma multidão ilustre, a disfrutar curiosamente o que estava em terra. Aproximei-me. Lançaram de lá os traços de união das pontes com o molhe, e grande parte da população daquele «estrangeiro», cujo pavilhão flutuava à ré, veio derivando para terra.

A hora do crepúsculo deu-se o inverso, e o apalaçado titan distanciou-se do cais, com a sua extensa gravidade e alta composição, como se fosse um trecho precioso, já iluminado, que se divorciasse da paisagem. Este todo é que, no anoitecer, ficou confuso, desconexo, como improvisado para seguir viagem, à parte do casario firme, uniforme, da cidade, que além se atestava.

Aleixo Ribeiro.



dessa marinhagem desgraduada, humilde, que, como já disse, se perde entre a população fixa dos cais e docas.

Os verdadeiros marítimos distinguem-se, no entanto, por sua tez curtida e mais iodada, mais sécos em seus arcaboijos musculosos, que então parecem mal desenvolvidos nos nossos fragateiros, embarcações quasi só de perenco fluvial, com o seu desembaraço e alegria em mangas de camisa. Os outros são membrudos, lentos, com expressões vincadas, bestiais; só, vendo-se bem, há neles, contudo, algo de franco, transparente, quasi infantil, com uma vaga doçura azulada nos olhos, que parecem trazer nos olhos, da grande melancolia do mar. Andam aos grupos, emborracham-se entre fortes gargalhadas, nas tabernas onde também jogam lentamente as cartas; frequentam as casas duvidosas de São Paulo, e, quando a caminho dos



# Soliloquios e Comentários



«A vida começa amanhã», escreveu Guido de Verona. Não. A vida começa hoje, em cada momento que passa. Os que acreditam que a vida começa amanhã quasi sempre morrem sem a ter vivido, pela preguiça ou impotência de a começar.

QUERIXAVA-SE um poeta que a sua Musa lhe tinha fugido com um sargento de cavalaria. Que fazer?—preguntava. Resposta de um filósofo que conhece a vida: «Esperar pelo leilão do gado incapaz. Talvez ela apareça».

MUITA gente, toda a gente diz lisboeta, quando não quiere dizer alfacinha. Pois encontro em Garcia da Orta lisbonês, que também não é mal dito. O Paulo Freire que tome nota.

SOROPITA foi um curioso escritor que Camilo exumou do esquecimento. Relendo-o ontem, encontrei esta frase curiosa: «foram tão daninhas as saídas que se empoleiraram em mim que não há ponto em meu coração onde elas não esgravatassem».

«Não há mor riqueza que ser livre», escreveu Ferreira de Vasconcelos na *Comédia Eufrosina*. É verdade, pensa o Lopes, olhando a cara metade, velha e ciumenta, que não é capaz de morrer, nem prometendo êle aos deuses uma loja de cereeiro.

ELA para êle:  
—Tu és tão sovina que nem queres que eu morra para me não pagares o entêro.

Êle, que está pensando se a Azucena Maizani é homem ou mulher:

—Qual história! pagava até de muito boa vontade.

PARA a psicologia do português:  
«...porque cousa é mui costumada em os portugueses ofenderem seus inimigos

com as cousas impossíveis, quando as possíveis lhes faltam».

Vem na *História do cerco de Diu*, de Lopo de Sousa Coutinho, e é verdade.

AINDA para a psicologia do português:  
«Duvido se são portugueses segundo os vejo ir conformes».

Êste é de D. Francisco Manuel de Melo.

EM Maio próximo deve realizar-se em Lisboa a 2.<sup>a</sup> feira do livro. É uma bela iniciativa com que só lucram auto-



res, editores e leitores. Lucra também o Estado, mas o Estado não se importa nada com isso.

O Amor, como doença que é, tem a sua curva térmica.

Dos 37° normais sobe, até à posse, a 40°. Depois ou desce bruscamente à temperatura inicial ou vem declinando suavemente e ao fim de meses não tem perigo. Isto no início. No fim sucede o mesmo. Quando bruscamente um abandona o outro, o tocado tem os oito primeiros dias a 40°, e depois lentamente caminha para a cura. É demorado mas sempre certo. Nos oito primeiros dias fazem-se promessas, praticam-se loucuras, dar-se-ia o sangue dos braços. Nos segundos quinze dias o doente relaciona factos, deduz, pensa já e começa a ver que sem êle ou sem ela também se vive. No terceiro mês

já acha caro se lhe pedissem, por uma coisa em que êle dava o sr. Alfredo da Silva e a Tabaqueira, um simples cigarro. E cai noutra.

«... CON razon, o sin razon ajude Dios a los nuestros». Com razão não é favor e dos nossos que me prefira a mim, é o que todos pensam.

«Os segredos não são de quem os recebe, senão de quem os confia».

É até por isso que êles se confiam. Para que todos os saibam.

NUM café, um escritor novo, má língua, insurreccionado, dizia mal, entre muitos, de António Feijó. Que era um lírico, que era um romântico, que era uma besta! Tive muita piedade do poeta, tive muita piedade do crítico, e também a tive, muita, de mim. Do poeta por escrever para tais críticos. Do crítico, porque certamente nunca o tinha lido, e de mim por ter ali entrado e ouvir tais coisas. Vim para casa e tornei a ler António Feijó, um dos mais notáveis, um dos mais interessantes, um dos mais altos poetas que tem versegado o português. Que lindas, que belas coisas êle não escreveu, «o poeta que morreu de amor»!

UM poeta dizia entre homens de negócios que na Vida havia apenas uma coisa fundamental — O Amor!

Êle que faz mover homens e mulheres, é êle que nos proporciona a alegria de viver, é êle, enfim, a razão de ser da nossa existência.

Um velho negociante ouvia embebecido as palavras entusiásticas do jôvem poeta e assentia com movimentos rítmicos de cabeça perante a estupefacção de todos, pouco habituados a ver-lhe semelhantes expansões.

Êle disse: «É assim, meu filho, é uma grande verdade essa. Só há no mundo uma coisa grande. É o Amor... ao dinheiro. Porque com dinheiro até o próprio Amor pisca o ôlho cá ao velho!»

Albino Forjaz de Sampaio.

# FIGURAS E FACTOS



VIAGEM MINISTERIAL.—ASPECTO DA LARGADA DO CAIS DA AREIA DO PAQUETE «MOÇAMBIQUES», QUE CONDUZ A BORDO, COM DESTINO A LUANDA, O MINISTRO DAS COLÓNIAS SR. DR. ARMINDO MONTEIRO E A SUA COMITIVA. ALGUNS MILITARES DE FENSOAS QUE ASSISTIRAM À PARTIDA, TRIBUTARAM AO TITULAR DA ESTA DA COLÓNIAS UMA CALOROSA MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA



EM JULGAMENTO—O SR. COMANDANTE QUIRINO DA FONSECA RESPONDEU, NA PASSADA QUINTA-FEIRA, EM CONSELHO DE GUERRA, ACUSADO PELO SR. GENERAL VICENTE DE FREITAS DE O TER INSULTADO PÚBLICAMENTE, NUMA SESSÃO DA COMISSÃO EXECUTIVA DA CÂMARA MUNICIPAL. A AUDIÊNCIA FOI PRESIDIDA PELO VICE-ALMIRANTE SR. HUGO DE LACERDA, SENDO SEU AUDITOR O SR. DR. JOSÉ MENDES CORREIA BAPTISTA E SOGAL O CONTRA-ALMIRANTE SR. VIEIRA DA FONSECA. NA SEDE, O VICE-ALMIRANTE SR. D. BERNARDO DE MESQUITELA, E SERVINDO DE PROMOTOR O CAPITÃO DE MAR E GUERRA SR. ANTÓNIO DA CÂMARA MEL. CABRAL. O TRIBUNAL CONDENOU O RÉU EM TRÊS DIAS DE PRISÃO CORRECCIONAL, TENDO SIDO SUSPENSA A PENA POR DOIS ANOS

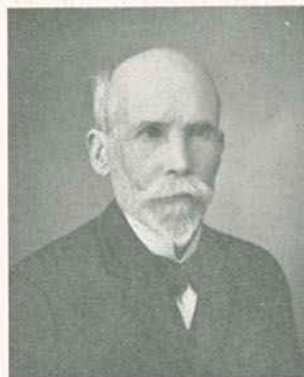


BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES—O SR. CORONEL COSTA DE MACEDO, PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL, ESTEVE HÁ DIAS NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES. VISITOU O QUARTIL E DEPENDÊNCIAS DO EDIFÍCIO E EXAMINOU O SEU MATERIAL. TEVE OS MAIORES ELOGIOS NÃO SÓ À BOA ORDEM E ASSEIO EM QUE TUDO SE ENCONTRAVA, MAS AINDA AO ESPÍRITO DOS DIRIGENTES DAQUELA COLECTIVIDADE, ENTRE ELLES O SEU ANTIGO DIRECTOR, SR. CARLOS VASQUES. O AMPLIO POSTO DE SOCORROS E O DORMITÓRIO, ASSIM COMO AS VIATURAS DE COMBATE E DE SERVIÇO DE SAÚDE, MERECERAM AO SR. CORONEL MACEDO ELOGIOSAS REFERÊNCIAS. FIMDA A VISITA, A DIRECÇÃO ENTREGOU AO SR. CORONEL MACEDO O DIPLOMA DE SÓCIO HONORÁRIO, COM QUE O ACABAVA DE DISTINGUIR E FEZ-SE A FOTOGRAFIA QUE ILUSTRA ESTA PÁGINA



# Noticias e

**DR. GOMES TEIXEIRA**



No salão Nobre da Academia das Ciências, a convite do Instituto dos Altos Estudos, realizou seis notáveis lições o grande sábio sr. dr. Gomes Teixeira. As três últimas foram, respectivamente, sobre «História das Matemáticas em Portugal», e «Decadência da matemática em Portugal depois da morte de Pedro Nunes — Suas causas — Resurgimento pela reforma dos estudos da Universidade de Coimbra».

Ao terminar a sua última lição, o eminente professor disse:

— Está terminada a série de seis conferências que me propus fazer nesta casa. Velho, com mais de 80 anos, próximo do fim da vida, com elas me despeço desta instituição onde tive a honra de entrar há mais de 55 anos e da qual sou o mais antigo e o mais velho dos sócios.

**DR. AUGUSTO DE VASCONCELOS**



A DOECRU, com certa gravidade, em Genebra, o delegado português à Conferência do Desarmamento, sr. dr. Augusto de Vasconcelos, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros. Ao começar a sessão do dia 10, o presidente da mesa, sr. Henderson, informou os delegados presentes sobre a saúde do delegado portu-

guês, que teve de sofrer uma segunda operação e com o assentimento da assembleia, dirigiu ao representante de Portugal os melhores votos para o seu pronto restabelecimento.

O sr. dr. Augusto de Vasconcelos, completamente restabelecido, já retomou o seu lugar.

**ENGENHEIRO ARAUJO CORREIA**

PRESEDIDA pelo sr. Presidente da República e secretariado pelos srs. chefe do Governo, ministros da Agricultura e do Comércio, conde de Penha Garcia, coronel Roma Machado e José Maria Alvarez, realizou, a convite da Associação Industrial Portuguesa, uma conferência sobre o tema «A crise nos seus aspectos económico e social», o sr. engenheiro Araujo Correia, ilustre membro do Conselho de Administração da Caixa Nacional de Crédito. A sala «Algarve» da Sociedade de Geografia estava completamente cheia.

O ilustre conferente referiu-se aos progressos do mundo científico e técnico nos últimos dez anos, e à falta de correlação entre o progresso material e os siste-



mas políticos e sociais, que a elle se deviam adaptar. Daí a situação actual, com 20 milhões de desempregados e com a miséria em quasi toda a parte do mundo. Definou o que, em seu entender, são os problemas económicos, complexos, de soluções inesperadas, produzidas por causas aparentemente sem importância, as quais podem lançar no caos o sistema de equilibrio, que, no aspecto económico, depende do sentir e agir dos homens. A crise actual não é consequência de super-produção, mas sim proveniente doutras causas.

Analizando a influencia da crise em Portugal, o conferente notou as admiráveis qualidades de resistência da nação, comparadas com as doutros países mais bem preparados.

Finalizou a sua notável conferência por dizer que é necessário que Portugal se imponha ao mundo, não pelo seu território continental mas pela civilização que possa introduzir em terras selvagens, nas regiões que o destino colocou sob a sua protecção.



**DR. SALAZAR CARREIRA**

O nosso brilhante colaborador sr. dr. Salazar Carreira realizou na Associação de Atletismo de Lisboa uma notável conferência subordinada ao tema: «Onde o atletismo começa... e onde nem todos os atletas chegam».

A sala da A. A. L. encheu-se de desportistas, que escutaram a voz autorizada de Salazar Carreira, que toda a sua vida se tem dedicado ao sport, quer como praticante, quer como técnico.

**CORONEL CIFKA DUARTE**

RESSUMIU, há dias, o cargo de Inspector dos Serviços da Aeronáutica, o sr. coronel-aviador Cifka Duarte, que esteve em França, alguns meses, estudando os progressos da aviação naquele país.

Falou o sr. general Vieira da Rocha, que elogiou as qualidades de Cifka Duarte, que traz as melhores referências das escolas francesas que frequentou no estrangeiro, felicitando-o por o ver novamente naquele alto cargo.

O sr. Cifka Duarte agradeceu as palavras que o sr. general Vieira da Rocha lhe dirigiu e disse que retomava o lugar de inspector da Aeronáutica com grande alegria, porque isso representava o regresso ao convívio



dos seus queridos camaardas da aviação. Prometeu que voltaria a dar todo o seu esforço à arma que era todo o seu carinho, e acrescentou que a França, mãe do Ar, um pouco esquecida depois da

Guerra, retomou o primeiro lugar na ordem das aviações de todo o mundo, graças ao ter sido facilmente compreendida pelos seus governos e pelas altas competências militares daquele país.



**CRISOSTOMO CRUZ**

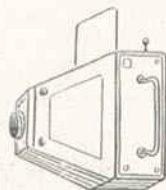
EM homenagem ao sr. Crisostomo Cruz, jornalista português que de há muito vive no Brasil, onde tem realizado uma patriótica obra de aproximação luso-brasileira, como director dos jornais «A Pátria Portuguesa» e «Luzitânia», efectuou-se na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia, uma sessão solene.

Presidiu o sr. conde de Penha Garcia, que dava a sua direita aos srs. Crisostomo Cruz, comandante Alberto Aprá e Cardoso Marta, e a esquerda aos srs. dr. Joaquim Manso e Salema Vaz.

Abriu a sessão o sr. conde de Penha Garcia, que exaltou o significado da homenagem, lembrando, a propósito, o esforço dos portugueses no Brasil, e afirmando que o sr. Crisostomo Cruz é um dos portugueses que em terras de Santa Cruz trabalham imensamente pelo bem da Pátria.



# Comentários



## DR. ABRANCHES FERRÃO



MORREU a semana passada, na Casa de Saúde das Amoreiras, o sr. dr. Abranches Ferrão, uma das figuras de maior destaque entre os nossos catedráticos. Tinha 49 anos de idade e 19 de professorado. Pertenceu à falange republicana que, em 1907, provocou a célebre greve de Coimbra. Em 1921 aceitou a pasta da Justiça, no ministério presidido pelo sr. Cunha Leal, sendo nessa altura eleito deputado pelo círculo de Gouveia.

Em 1923, a convite do sr. dr. Rodrigues Gaspar, sobraçou a pasta da Instrução, voltando novamente às cadeiras do Poder, como ministro da Justiça, em 1925, no gabinete do sr. António Maria da Silva.

Em 1926, pelo afastamento definitivo do sr. dr. Afonso Costa do cargo de director da Faculdade de Direito, foi eleito para o lugar deixado por aquele homem público, ocupando-o até 1928.

## CHABY PINHEIRO



HÁ cerca de três meses que se encontra na Casa de Saúde das Amoreiras, o grande actor Chaby Pinheiro, a quem o teatro português deve tantas noites de glória e de triunfo. Chaby Pi-

nhairo, que vem sofrendo duma pertinaz doença, encontra-se em via de restabelecimento, contando já fazer, no próximo mês, a sua costumada viagem ao estrangeiro, e devendo reaparecer ao público, na próxima época de inverno.

## DR. ARMINDO MONTEIRO

A bordo do «Moçambique» partiu para a África, o ministro das Colónias, sr. dr. Armindo Monteiro, que se propõe realizar uma obra de vulto, pois tenciona pôr em ordem os orçamentos de Angola e Moçambique e estudar «in loco» vários problemas de grande interesse para a vida económica destas províncias. Teve uma despedida afectuosa, não só por parte do elemento oficial, como por parte de grande número de amigos, que lhe testemunharam de viva voz o desejo duma viagem feliz.

Entrevistado sobre os fins da viagem, o sr. dr. Armindo Monteiro disse:

— A viagem que, cumprindo uma resolução do Governo, vou iniciar,



é uma exigência da estreita solidariedade que, segundo a nossa nobre ambição, deve unir todos os territórios e populações nacionais. Um membro do Poder Executivo sai de Lisboa para, em contacto directo com os portugueses de Além-Mar, ouvir as vozes de todos os que têm reclamações a apresentar, resolver os problemas que, pedindo uma decisão do Governo Central, são dificultados ou retardados pela distância, estudar com os interessados as suas próprias necessidades, assentar, com as autoridades e serviços locais, na execução dos planos que, mantendo ininterrupto o progresso da nossa obra colonizadora, hão de elevar a administração do Império até uma unidade perfeita de interesses e de sentimentos. Tem por isso uma importante finalidade política, administrativa e económica esta viagem.

Acêra do subjectivo políticos

o sr. dr. Armindo Monteiro, acrescentou:

— Politicamente, pretende ela ser a afirmação da solidariedade de todas as partes do Império, dando aos portugueses de S. Tomé, de Angola e de Moçambique a certeza de que a Metrópole os acompanha nas suas iniciativas e actividades, sentindo-se prêza ao seu destino em todos os momentos.

## ALICE OGANDO

A actriz-poetisa Alice Ogando, que regressou, há dias, do Brasil, onde andou em *tournee* com a companhia Adalina-Aura Abranches, e onde fez algumas



interessantíssimas conferências e onde fez representar um original seu, em três actos, acaba de publicar um livro intitulado «Bonecas e Pinguins». É uma obra dialogada, cheia de observação e de oportunidade, e que a crítica está recebendo com grandes elogios.

## LEON DUBECH

ESTRVE em Portugal, durante alguns dias, o conhecido crítico teatral francês sr. Leon Dubech, que se fez acompanhar de sua esposa. Após uma larga estada em Lisboa, foi ao Norte, visitando algumas cidades. Na gravura que abaixo publicamos vê-se o nosso ilustre hóspede acompanhado de sua esposa, no almoço que lhe foi oferecido no Hotel de Santa Luzia, em Viana do Castelo, pela Comissão de Turismo.



## GOMES MONTEIRO



O nosso colega na imprensa sr. Gomes Monteiro, acaba de lançar no mercado um livro intitulado «Vieira de Castro e a sua tragédia». É um valioso trabalho onde se evoca o célebre crime da rua das Flores, onde perpassam a figuras de Camilo Castelo Branco, Antero do Quental, João de Deus, Ramalho Ortigão, António Rodrigues Sampaio, Guilherme Braga e outros vultos grandes da nossa terra.

«Vieira de Castro e a sua tragédia» é uma reconstituição interessantíssima de uma época e de um acontecimento que até agora não estava suficientemente esclarecido e que Gomes Monteiro arrancou ao passado.

É um trabalho primoroso de investigação e escrito numa bela linguagem.



O GRUPO PORTUGUÊS FOI O PRIMEIRO A PISAR O ESTÁDIO OLÍMPICO DE AMSTERDÃO, EM 1928, ONDE, A-PESAR DE «ESTREANTES», CONQUISTOU BRILHANTES RESULTADOS

NUMA das noites da semana que findou o nosso aparelho de T. S. F., ligado casualmente com Bordeus proporcionou-nos uma rádio-reportagem da corrida ciclista dos 6 dias, que com o habitual sucesso acaba de disputar-se em Paris dando a vitória final aos holandeses Van Kempen e Pijnenbourg.

A audição, por acaso perfeita, trazia-nos o eco dos mil ruídos que encham a enorme nave do Vel' d'Hiv, nestas noites de enchente total. Em nosso espírito juntava-se ao som, uma televisão evocativa da prova de há três anos, que presenciámos: o recinto imenso, brilhantemente iluminado, faiscante de arcos voltaicos; negras de gente ululante as imensas tribunas que o cercam, a pelouse central transformada em restaurante da moda, com lindas mulheres em «toilettes» desnudadas, numa exibição de luxo e, causa originária de tudo isto, uma dezena de homens rondando infundavelmente no anel escuro da pista numa monotonia enervante que, de espaços a espaços, um «sprint» mais decidido vem animar.

Que diferença entre a realidade e aquilo que na imaginação fantasiámos! Nas horas da tarde a noite adiante, quando a afluência é maior, a luta entre os corredores estabelece-se mais viva e tanto basta para inflamar o entusiasmo da multidão fascinada.

É um ponceo o mesmo fenómeno psicológico colectivo que se verifica entre nós, nos campeonatos de luta profissional: todos sabem que há combinação prévia, mas tôdas as noites lá vão pagar o seu tributo.

Na corrida dos 6 dias o desporto é apenas um pretexto; os espectadores da geral vão para ver, mas os da «pelouse» vão para ser vistos.

Ninguém, porém, respeita o esforço dos atletas; é asfixiante a atmosfera pesada,

# desportos

## A QUINZENA DESPORTIVA

tropical, turvada pelo nevoeiro do fumo e dos milhares de respirações humanas, e na qual os focos luminosos fulgem em halos deslustrantes e os longes se esbatem num véu de cinzenta neblina.

Desporto, aquilo? Que sacrilégio!  
Espectáculo, apenas espectáculo!



O estudo técnico da aviação toma cada dia maior vulto, e as grandes nações dedicam-lhe uma atenção que toma aspectos pitorescos e inesperados.

O progresso formidável que a navegação aérea tem afirmado nos tempos presentes

exige do material empregado qualidades extraordinárias para que possa ser integralmente aproveitado o esforço directivo do homem.

Nos Estados Unidos foi inaugurado, há poucos meses, um vasto laboratório destinado à experiência das condições de resistência material dos aeroplanos. Dispõe para isso de um vasto «hangar» onde foi construída uma gigantesca máquina produtora de correntes de ar, a cujo sôpro violento são sujeitos os aeroplanos construídos.

A nossa gravura dá uma exacta visão das dimensões do aparelho, que utiliza duas hélices de quatro pás com 11 m. de diâmetro, movidas cada uma por um motor eléctrico de 4.000 c.v.

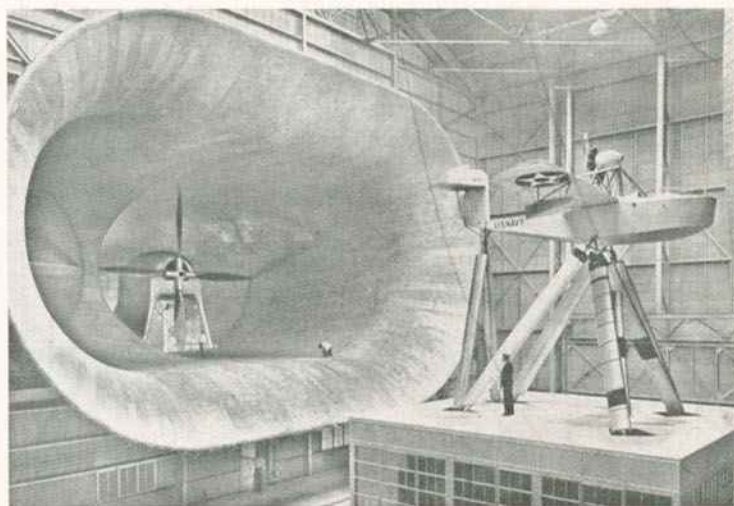
A quantidade de corrente necessária ao seu funcionamento é tão grande que durante o dia, para poder atender às restantes necessidades locais, o consumo autorizado não permite velocidade da corrente de ar superior a 88 km. à hora; é durante a noite que se consegue, com o rendimento total dos 8.000 c.v., elevar a velocidade do sôpro ao máximo formidável de 185 km. à hora.

O avião em experiência é fixado sôbre uns mastros móveis que permitem dar-lhe a posição e o ângulo de ataque desejados; assenta assim sôbre uma plataforma de aço suportada por seis balanças.

Quando a corrente de ar actua, estando o motor do aparelho também em marcha, o operador procura obter um estado de equilíbrio; uma vez obtido este, as seis balanças indicam automática e simultaneamente os valores dos índices de tracção, de deriva, de impulsão e das oscilações do aparelho.



No dia em que esta revista surgir ao público, disputar-se-á no estádio do Lumiar o



O APARELHO-MONSTRO QUE OS AMERICANOS CONSTRUÍRAM PARA AVALIAR A RESISTÊNCIA DOS APARELHOS

segundo encontro de «foot-ball» entre portugueses e jugo-eslavos.

O grupo nacional alinhará com os seguintes jogadores: Artur Dyson, Carlos Alves, Avelino Martins, Anibal José, Augusto Silva, Álvaro Pereira, Waldemar Mota, Sociro, Vítor Silva, Sousa e Valadas, incluindo quatro homens que já tomaram parte no primeiro encontro.

Os jugo-eslavos defrontaram a «equipe» espanhola há uma semana em Oviedo, sob a arbitragem do português Tavares da Silva, e foram batidos pela escassa diferença de 2-1 que abona o seu valor.

É um difícil exame para o «foot-ball» português que na opinião dos críticos acusa um sensível declínio, e tem, neste dia, a sua única jornada internacional da época.

Da primeira vez, vencemos; que sucederá hoje?

Temos a vantagem de lutar em casa, mas o valor da «equipe» actual não iguala o do glorioso grupo olímpico de Amsterdam.

Os escassos portugueses que assistiram ao I Portugal-Jugo-Eslávia nunca mais poderão esquecer-lo tão rara emoção o revestiu.

Bateramos o Chile dois dias antes, e os rapazes iam jogar ressentindo-se ainda de um esforço grande, contra adversários mais atléticos e por estrear. A cartada era difícil e decisiva.

Após oitenta minutos de jôgo o empate mantinha-se, e a incerteza do resultado ateou o entusiasmo de todos os assistentes que clamavam e vibravam ao sabor das suas simpatias; recorde que pelos nossos saltavam incitamentos espanhóis e italianos.

Os esforços dos portugueses, espasmódicos e desordenados, não encontravam conclusão; a fadiga começava agindo.

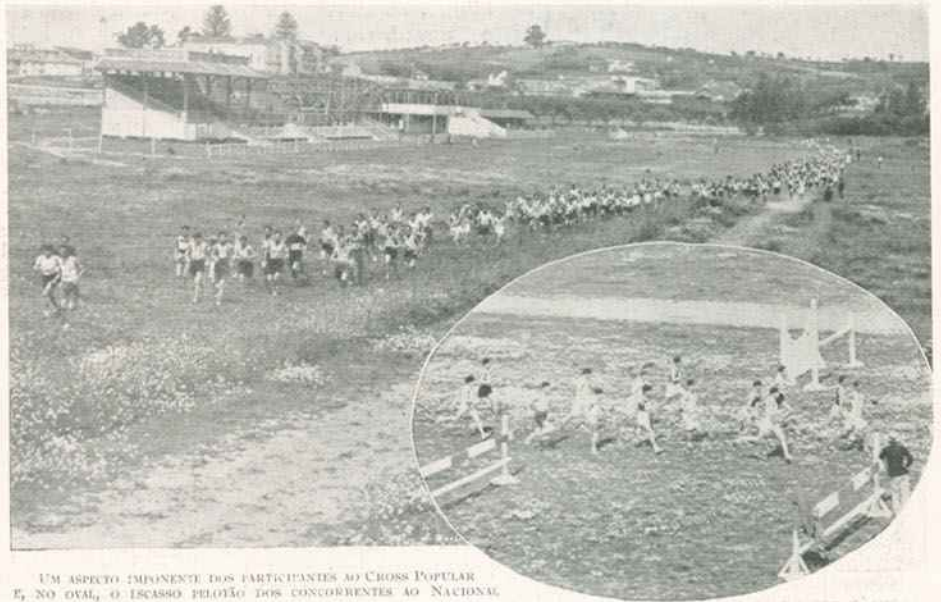
A «equipe» jugo-eslava, mais folgada, assegnoreava-se da situação; sofriam conflagradas as almas lusitanas.

O «onze» de Portugal, tentando fugir ao martírio dos prolongamentos, não jogava já pelos músculos, lutava com os nervos.

E a dois minutos do fim, Augusto Silva, que fora até então a alma do grupo, colhe a bola, dribla, força o caminho e remata a um canto a bola da vitória.

Hoje, no Estádio, Augusto Silva será ainda o fulcro da «equipe» nacional.

Por certo ao entrar no campo, julgará ouvir



UM ASPECTO IMPONENTE DOS PARTICIPANTES AO CROSS POPULAR E, NO OVAL, O ESCASSO PELOTO DOS CONCORRENTES AO NACIONAL.

os ecos saídosos de uma «Portuguesa», cantada há quatro anos num vestiário de Amsterdam, por uns trinta portugueses em cujos olhos bailavam lágrimas do mais legítimo orgulho desportivo.

\* \*

Terminou, finalmente, a época de «cross», este ano muito animada mas prolongando-se demasiado.

Correram-se os «cross» de «Os Sports» e o Campeonato nacional.

Esta prova, traçada na pista do Jockey Club, reuniu tudo quanto há de melhor no país dentro da especialidade, e mal chegou para formar um pequeno pelotão de corredores! Uma afirmação mais do mal que apontámos na crónica passada: escassês de participantes.

A propaganda democrática da especialidade, pela forma que fomos os primeiros a preconizar, de organização de «cross» populares, teve uma triunfal confirmação na corrida de «Os Sports» que alinhou mais de 350 participantes.

Manuel Dias venceu o Nacional, com a superioridade da sua classe; atrás dêle o velho António de Almeida provou quanto pode a

vontade e dedicação pelas côres de um club, conquistando um segundo lugar que é uma das suas melhores proezas. Dos elementos provincianos Diamantino França foi o melhor e Mário José o único representante português que se salvou de uma derrocada inesperada.

Em juniores o Benfica venceu com justiça e possui o melhor núcleo de novos da capital.

O mesmo Manuel Dias triunfou no «cross» dos «Ases» do festival do jornal «Os Sports», prova em que nos deixou excelente impressão o setubalense Caria Júnior.

Antes de transitar para outra especialidade, citemos que a Associação de Atletismo de Lisboa continuou na sua utilíssima missão de propaganda, realizando nova conferência, cabendo-me desta vez o papel ingrato de mestre. Da insuficiência do professor não são culpados os organizadores cujo intento não desmerece.

Um esforço titânico de «Os Sports», (quanto nos agrada citar repetidas vezes ao longo desta crónica o nome de um jornal desportivo que faz campanha pelo desporto!), dotou-nos com uma pista de ciclismo, com defeitos, com irregularidades, com insuficiências, mas onde se podem disputar corridas de bicicletas, coisa impossível em Lisboa desde há muitos anos.

Perante o que semelhante obra representa de sacrifício e de trabalho não existe o direito de crítica e o louvor sobreleva a qualquer comentário.

A festa inaugural foi brilhante, animada e conquistou público; a assistência muito numerosa gostou e há-de voltar. Foi propaganda da melhor.

O Benfica foi o grande triunfador da tarde, merecidamente, apresentando uma «equipe» em excelente preparação, onde fulgura como grande astro, José Maria Nicolau, repositório inexgotável de energia.

As vitórias que colheram os ciclistas vermelhos devem ter sido uma compensação para a amargura das quatro derrotas sofridas no mesmo dia pelos quatro grupos de «foot-ball» do Benfica, que desde a data da sua fundação nunca suportara tão completa derrota, como a que lhe inflingiu nessa tarde o Belenenses.



UM ASPECTO DA CORRIDA INAUGURAL NO VELODROMO DE LISBOA

Salazar Carreira.



Miguel de Cervantes e Saavedra...

...Muito popularmente conhecido só por Cervantes, tem um nome marcado na literatura universal. O terceiro aniversário da sua morte, que se vai celebrar, vem recordar mais uma vez a memória do escritor tão saborosamente irónico que traçou a caricatura inegalável do *cavaleiro andante* de outaras épocas, escrevendo a história ridícula e sabrosíssima, a um tempo, do D. Quixote que corria mundo montado num Rocinante, mais morto que vivo, e que vivia, quasi que exclusivamente, do amor de uma legendária Dulcinea. D. Quixote, pela pena inspirada de Cervantes, nasceu, viveu e continua vivendo para prazer espiritual de um mundo inteiro, mesmo

daquele composto pela legião indiferente dos *Jacintos* e para as gerações novas que em face da história jocosa do *Cavaleiro da Triste Figura* terão que convir que mais triste figura ainda é a deles acreditando somente na supremacia do mundo imaginário do cinema...

**Nobile**

Humberto Nobile que, desde o trágico fiasco do vôo polar do dirigível *Italia*, vivia no seu país demitido das suas funções de militar e no meio da maior indiferença por parte do público, volta a dar que falar de si em virtude do convite que lhe dirigiu a Rússia soviética para colaborar no plano de defesa aérea da U. R. S. S. Nobile, conseguido o acôrdo de Mussolini, assinou com os russos um contrato que o obriga durante quatro anos a presidir aos trabalhos de construção de novas aeronaves, bem como de dirigir uma expe-



dição soviética em dirigível à região polar conhecida pelo nome de *Terra de Nicolau II*.

**Pelo mundo da musica**

A célebre orquestra da *Philharmonie* de Berlim, acaba de festejar o seu cinquentenário. Do agrupamento musical, actualmente dirigido pelo célebre maestro Furtwangler, faz parte ainda um músico da primitiva, que é o sr. Lehmann, célebre harpista.

**O teatro no estrangeiro**

O último successo da *Comédie Française*, é a peça de André Birabeau: «*Baisers Perdus*», ali estreada com grande aplauso do público e da critica.

**Um livro colossal**

Este livro que dois estudantes do *Christ Church College* de Oxford transportam, é um exemplar da «*The Spanish Tragedy*» («*A tragédia Espanhola*»), de Kyd, que é considerado como sendo o maior exemplar exist-



tente nas bibliotecas de todo o mundo. Como se depreende da gravura são necessários, pelo menos, dois homens para o seu transporte.

**Corridas de camelos**

A nossa gravura, que nos enviam amigos do Cairo, representa o momento da chegada à meta da vencedora da corrida de camelos, montados por senho-



ras, ali realizada recentemente e pomposamente denominada *Derby dos Drumedários*.

**Robert Koch**

Passou a 24 de Março findo o cinquentenário da descoberta do terrível bacilo de Koch, germen da tuberculose, devido aos estudos proficientes do célebre médico alemão Robert Koch, que assim estabeleceu a origem parasitária das doenças tuberculosas e facilitou de tal maneira a inves-



tigação do contágio do terrível mal. Morreu Koch em plena glória, a 27 de Maio de 1910, com a idade de somente 67 anos em virtude de uma afeecção cardíaca. O seu nome será sempre lembrado com saúde e profunda gratidão por todas as gerações vindouras.

**A boa graça no estrangeiro**

Do *Lustige Blätter* de Berlim: «Dia a dia, durante dois meses, vinha um pescador para a beira-rio pescar ao anzol. Ao cabo do trigéssimo segundo dia pescou uma truta e partiu radiante. Entre os peixes do rio, correu então a alarmante notícia que uma truta se tinha suicidado...

**Comemorando Goethe**

Por muito pobre e desfalecida que queira a Alemanha aparecer aos olhos do mundo, bastante estranho é o facto que, numa época de penúria como ela pretende estar atravessando, cunhe moedas de prata de 3 marcas para comemorar o centenário

**PELO MUNDO FÓRA**

da morte de Goethe. Trata-se, no entanto, de um facto. A moeda



representa de um lado o perfil do poeta; do outro a águia imperial e a designação do seu valor.

**Madame Hanau**

É is o retrato da célebre financeira e jornalista francesa Madame Hanau que acaba de ser



prêza em Paris sob a acusação de se haver apoderado e ter publicado ilegalmente um documento do estado francês.

**A CARICATURA NO ESTRANGEIRO**



ITALIANO (na balta de Nápoles para um comerciante de viagem americano) — ORA DIGA LÁ: ONDE HÁ NA AMÉRICA UMA COISA PARECIDA COM O VESÚVIO? AMERICANO — É VERDADE QUE NÃO TEMOS... MAS, EM CONFESSÃO, HÁ LÁ AS CATARATAS DO NIAGARA QUE APAGAM UMA FOGUEIRA DESTAS EM CINCO MINUTOS! (Do «*Tattler*»)

# PELO MUNDO FÓRA

Adão, modelo 1932



Não resistimos — já que tão alviziéreiros somos no que se passa por esse mundo fora — em apresentar aos nossos leitores o último modelo de um dos grandes mestres da alta costura parisiense, que sugere este traje masculino para as grandes noites de festa nas praias e termas elegantes durante o próximo verão. É como não fazemos *caixinha* elucidamos os interessados que a vestimenta é toda feita de seda branca e estará reservada, sem dúvida, a um grande sucesso... crítico.

Um para-quadras colossal

CERTO francês, natural de Versailles, lembrou-se de estudar e de improvisar a técnica dos para-quadras e, julgando que seria possível construir um aparelho com a lotação de trinta lugares destinado aos aviões das carreiras



comerciais, arranhou uma cabine ligada a um grande para-quadras que se desprende automaticamente do avião em caso de avaria e, na opinião do inventor, leva, suavemente até terra os passageiros e a tripulação do aeroplano.

Vão efectuar-se, brevemente, experiências sob o alto patrocínio do Ministério do Ar francês com este invento.

Em Stambul...

...COSTUMA-SE comemorar o aniversário da implantação da jovem república, investindo durante uma semana nos cargos dirigentes das repartições administrativas, crianças das escolas dos dez aos catorze anos, obedecendo-se-lhes cegamente desde que as suas ordens não sejam em excesso estravagantes ou prejudiciais

"Bridge"

ESTÃO-SE usando com crescente entusiasmo os panos reproduzidos na nossa gravura para cobertura das mesas de *bridge*, e onde se encontram resumidas todas as regras desse jogo, per-



mitindo a cada jogador tê-las, constantemente, presentes, de forma a evitar todos os mal-entendidos

Um naufrágio

O instantâneo que publicamos representa o naufrágio do transatlântico inglês «Prince David» ocorrido em fins de Março a poucas milhas de distância de



Bermuda. Por um feliz acaso de sorte, todos os passageiros e toda a tripulação puderam salvar-se e alcançar a terra. O vapor naufragado era de 6.802 toneladas e presume-se que o desastre fôsse motivado por ter chocado com penedia invisível naquelas paragens à navegação.



## O MAIOR CIRCO DO UNIVERSO

O CIRCO AMERICANO DE BARNUM BAYLEY É O MAIOR E O MAIS COMPLETO DO UNIVERSO. JASTA DIZEM QUE AS SUAS REPRESENTAÇÕES SE EFECTUAM, SIMULTANEAMENTE E COM NÚMEROS VARIADOS, EM TRÊS PISTAS ARMADAS A PAR UMAS DAS OUTRAS. A NOSSA GRAVURA É UMA PROVA EVIDENTE DA SUA IMPORTÂNCIA. REPRESENTA ELA O GRUPO DE PALHAÇOS E FAZ-TUDOSS DESSA COMPANHIA, EM NÚMERO DE QUARENTA E OITO. NÃO DE CONVIER QUE É COLOSSAL!

Quando aparecer o bébé Lindbergh...



...TOCARÁ este tam-tam que os habitantes de Hopewell, povoação situada a pouca distância da casa de Lindbergh, usavam, há vinte anos, para tocar quando se declarasse algum incêndio. Todos os Estados Unidos continuam interessadíssimos na descoberta do menino Lindbergh, e nós, à falta de melhor poderemos demonstrar o nosso interesse, fazemos votos para que, muito depressa, toque o tam-tam de Hopewell...

Sinalização na Índia

JUNTO à fronteira Indo-Pérsica, onde o trânsito nas estradas é do mais primitivo e do mais moderno e aperfeiçoado ao mesmo

tempo, nota-se uma original e divertida sinalização. Há estradas exclusivamente destinadas ao trânsito de automóveis, e outras onde só passam cavalos ou camelos. Tabletas compreensíveis



por todos, mesmo pelos mais reitantes analfabetos, indicam com toda a clareza por onde deve circular o cavalo de quatro patas ou o dromedário, e por onde devem seguir os muitos cavalos dos Rolls-Roices e dos Packards. Demonstra-o, eloqüentemente, a nossa gravura.

INCRIVEL!



— CINCO ANOS ESTIVESTE PRÊSO POR INCENDÁRIO... E NEM MESMO ASSIM ÉS CAPAZ DE ACENDER O FOGÃO! («Lustige Bitters»)

Festas de caridade

NA ARCADIA

O «chá dançante» de caridade que, na tarde de sexta-feira passada, se realizou na «Arcadia», o novo restaurante da Rua Eugénio dos Santos, levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Eugénia Maria de Araújo Perestrelo de Vasconcelos, D. Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Isabel Maria de Lancastre de Freitas, D. Isabel de Oliveira Monteiro, Joana Soares Franco, D. Maria do Carmo Burnay de Almeida Belo, D. Maria Ennes Ulrich, D. Maria Helena Medeiros de Albuquerque Teixeira, D. Maria José Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Luíza Infante da Câmara, D. Maria Luíza de Lancastre de Freitas, D. Maria Luíza de Melo e Castro Trigoso, D. Maria da Luz de Melo e Faro (Ponte Real), D. Maria da Nazaré Centeno Gorjão Henriques, D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas), D. Maria Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Teresa de Moraes Amado e D. Maria Teresa de Ortigão Ramos Jorge, a favor de várias obras de beneficência, decorreu sempre no meio da maior animação, prolongando-se a dança, ao som da exímia orquestra «jazz-band» privativa, até bastante tarde.

O aspecto do vasto salão da «Arcadia» era encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa melhor sociedade que ali deram ponto de reunião.

NO CENTRAL CINEMA

Decorreu com enorme e selecta concorrência a «matinée cinematográfica» de caridade, que uma comissão composta das sr.<sup>as</sup> D. Emília Almeida Norton, D. Lídia Ferreira, D. Lucinda Portas, D. Manuela Zilhão, D. Margarida Teles da Gama de Mascarenhas, D. Maria Adelaide Arouca, D. Maria Amélia de Macedo Santos, D. Maria do Carmo Paiva Couceiro, D. Maria Carolina Gonçalves Paredes, D. Maria de Figueiredo Tavares Festas, D. Maria Helena Carreira e D. Maria Teresa Pereira da Cunha, organizou no Central Cinema, na tarde de sábado, a favor dos vendedores católicos dos jornais, Obra da Juventude Católica Feminina.

NO CASINO ESTORIL

Como era de esperar, a noite de sábado passado no salão do restaurante do novo Casino Estoril, onde se efectuou o «jantar à

# VIDA ELEGANTE

americana» de caridade, seguido de baile, que por iniciativa de uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e do corpo diplomático, da qual faziam parte as seguintes: D. Julieta Gomes de Amorim de Orey, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Genoveva Machado Pinto Basto, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga a Cunha, Marquesa de Tancos, Ministra da Holanda, Miss Adam, e Viscondessa de Asseca (D. Luíza), cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência, patrocinadas pela mesma comissão organizadora.

O aspecto do vasto salão do restaurante do novo Casino Estoril era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o gran-



OS NOIVOS. SR.<sup>a</sup> D. MARIA LÍDIA ROMANO BAPTISTA E DR. JOSÉ DE SOUSA FIALHO, SAINDO DA IGREJA DOS ANJOS, NO DIA DO SEU CASAMENTO.

de número de senhoras da nossa melhor sociedade, tanto de Cascais e Estoril, como de Sintra e Lisboa, que ali se reuniram.

## Sessão de Gala

Constituiu uma verdadeira parada de mundanismo a sessão de gala que, na noite de quarta-feira passada, se realizou no Cinema Palácio, dedicada pelo empresário sr. Augusto Bruges, aos cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, pois a essa festa concorreu tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, que assim quiseram manifestar aos homenageados a sua estima.

## Casamentos

Realizou-se, na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lídia Romano Baptista, gentil-filha da sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria Carlota

Romano Baptista e do sr. Jaime Romano Baptista, com o sr. dr. José de Sousa Fialho, ilustre sub-delegado de saúde em Setúbal, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta de Sousa Fialho e do sr. António Mendes Fialho, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo dr. Santos Gradil, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido, na elegante residência dos tios da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento, pelo sr. António de Spinola (Valdaveço), para seu filho António, distinto aluno da Escola Militar, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena de Azevedo Monteiro de Barros, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes de Azevedo Monteiro de Barros e do coronel de engenharia sr. João Monteiro de Barros, ilustre comandante do forte de Sacavém.

— Na paróquia dos Anjos realizou-se, com muita intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria

Virgínia dos Santos Azevedo Cruz, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Angelina dos Santos Cruz, já falecida, e do major de cavalaria sr. Luís de Azevedo Cruz, com o distinto engenheiro-agrônomo sr. Guilherme Eduardo Sheppard Cruz, filho da sr.<sup>a</sup> D. Berta Sheppard Cruz e do major de infantaria, já falecido, sr. Alfredo Eduardo da Cruz.

Foram madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Nobre de Carvalho Biscaia Cruz, madrastra da noiva, e a mãe do noivo e padrinhos o pai da noiva e o engenheiro-agrônomo sr. Filipe Gonçalves Tormenta.

Findo o acto religioso foi servido, na elegante residência do pai da noiva, à rua Conselheiro Arantes Pedroso, um finíssimo lanche.

## Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Nadige Pietet de Freire de Andrade, esposa do sr. dr. Narciso de Freire de Andrade, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em serviço na Sociedade das Nações.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saúde de Bemfica, teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Dulce da Silva Godinho, esposa do primeiro tenente da Armada sr. António Godinho, sendo seu médico assistente o distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão).

Mãe e filha estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

## OS GRANDES MESTRES DA EMOÇÃO

## O extranho caso do homem duplo

por RENÉ FERMONT

Nesta série de trechos literários selectos de escritores célebres em todo o mundo, escritores modernos, do dia de hoje que escalam vertiginosamente a celebridade, cabe, por direito próprio, uma secção que seja dedicada aos «grandes mestres da emoção». Literatura de emoção é, no fundo, Edgard Allan Poe e da emoção humana vivem os contos de Maupassant e está impregnado o génio de Dostoiévsky. Hoje, a literatura folhetinesca enobreceu-se e os mestres Edgard Wallace, morto há semanas, Sinclair Lewis, Conan Doyle e Gaston Lerroux são valores universais que ninguém pode contestar. Mas outros há

que o público português pouco conhece: Jack London, Albert Londres, o reporter audacioso, e este contista francês, René Fermont que, só por este conto de estranha originalidade que damos hoje, como lugar selecto, merece figurar em lugar de honra ao lado dos maiores cultivadores do género em que é mestre André de Lordé e que tão fortemente influuiu na gestação do génio dramático de Lenormand.



A POBRE MULHER AFLITA...

que o público português pouco conhece: Jack London, Albert Londres, o reporter audacioso, e este contista francês, René Fermont que, só por este conto de estranha originalidade que damos hoje, como lugar selecto, merece figurar em lugar de honra ao lado dos maiores cultivadores do género em que é mestre André de Lordé e que tão fortemente influuiu na gestação do génio dramático de Lenormand.

DEDIQUEI a este caso Van Danledó a mesma consciência profissional que dedico a todos. E, no entanto, posso hoje confessar, neste diário em que arquivo os factos notáveis da minha carreira de magistrado, que estremeço e tenho insónias longas e penosas quando nos meus sonhos passa a visão daquela última madrugada do condenado. Sim, é verdade que posso repetir a mim próprio, que obedeci a um mandato da minha consciência. Mas, se, apesar de tudo, me tivesse enganado? Se, para vingar a vítima eu a tivesse matado pela segunda vez, pela vez verdadeira?

Palavras absurdas, incoerentes, que poderiam fazer suspeitar do meu juízo. E, no entanto, todo o problema está nelas posto. Quem morreu no cadafalso? O assassino, ou a sua vítima?

Parece ainda que estou a ver o condenado dando um passo em frente, em direcção a mim e, olhando-me fixamente, balbuciar: —É no entanto, o senhor, sabe... sabe!

E eu escutei-o sem estremeecer; limitei-me a acenar com a cabeça e a fazer um sinal. E levaram aquele homem sem nome. Nin-

guém se admirou do facto, ninguém me perguntou fôsse o que fôsse. Todos viram naquelas palavras do condenado um meio de ganhar tempo, um supremo ardil para salvar a vida. E até eu próprio, nesse momento, pensei o mesmo.

Então julgavas, meu bom homem sem nome, que bastava uma farsa pueril para derriuir um edificio judicial sábiamente construído?... Mas então, o que seria da consideração devida à Justiça? Nunca mais haveria segurança neste mundo, não haveria administração possível!... Eis o que eu disse de mim para comigo, e o que quero pensar hoje ainda, quando penso no diabólico conteúdo do sobrescrito que ele me mandou entregar na madrugada da guilhotina.

E no entanto, o caso era simples e banal: mais um pacífico ricoço que desaparecera trágicamente. As nove horas da manhã do dia 22 de Maio de 1926, chega a velha mulher a dias e, ao contrário do que sempre sucedia, encontra a porta fechada; bate, chama, ninguém responde. Dentro não há outro ruído que não seja o de um cãozinho, um pequeno fox-terrier, que ladra desvairadamente, que, de vez em quando, se põe a ganir, a nivar dessa maneira especial a que as velhas dizem ser «chamar pela morte». A pobre mulher, allta, alvoroça os vizinhos, celebra conselho com eles sob os plátanos da pequena praça, em frente da casa,

e acabam por ir chamar o commissário que vem, traz um serralheiro e manda arrombar a fechadura. Entram. No vestibulo está apenas o cão e um cheiro bizarro, que faz agonias... Na casa de jantar, no quarto de cama, também não está ninguém; mas há desordem, cadeiras caídas, uma delas despedaçada, fatos rasgados pelo chão, vestígios de sangue, em cima da mesa uma garrafa quebrada e o vinho entornado em grandes poças. Percorrem a casa; ninguém, mas sempre aquele maldito cheiro que ainda persistia quando eu cheguei; duas horas depois, com o juiz de instrução; mistura evocadora do fedor de ranço de uma fritura de sebo e a cascos queimados num ferrador de aldeia,

Este cheiro parecia subir do sobrado e quando entramos na cave, só com frestas para a rua, mas de pé direito do lado do jardim, ainda ardia um enorme braseiro e, coisa horrível, no meio do coque que lançava as suas últimas fumarolas amarelentas, reconheciam-se, com facilidade, fragmentos inquietantes; alguns pedaços de ossos calcinados, entre eles um fragmento achatado que depois o médico legista classificou como occipital; sob o braseiro uma poça sebácea, oleosa, maculava as cinzas e o cisco como se lhe tivessem entornado por cima o mólho de um assado infecto e, aqui e ali, notavam-se nitidamente ora um pedaço de fazenda, ora um botão de punho deformado, que tinha caído pelos buracos do aparelho antes da fusão completa.

Imediatamente, ante este espectáculo, um mesmo pensamento se impôs ao espirito de todos os assistentes; eram os restos daquele pobre Oscar Van Danledó, tão boa pessoa, tão simpático...

Assunto simples, banal, escrevi eu acima; mas inquerito difícil, porque não possuíamos nenhum esclarecimento decisivo. A vida do capitalista tinha uma aparência calma e monótona; comer no restaurant, uma partida de manilha cotidiana com pessoas respeitáveis, entre elas um advogado, um médico e um comandante de gendarmes reformado; algumas viagens a Paris, para assuntos de negócios, segundo ele dizia; alguns cuidados com o dinheiro e preocupações financeiras, como tinha quasi toda a gente naquele ano de 1925

que ia roendo as velhas fortunas... postas a render. Realizações de papeis de crédito, compras de divisas estrangeiras; um esforço visível para atenuar os efeitos da derrocada do câmbio; depois, algumas semanas antes da data fatal, retirada duma existência bastante considerável que tinha no banco; eis

os únicos detalhes característicos da vida do desaparecido nos meses que precederam o crime.

Ora, não foi achado nem um valor sequer; a considerável soma retirada do banco, desaparecera. Pilhagem completa, metódica. Foram seguidas várias pistas, depois abandonadas. Nem uma relação suspeita!

Mais uma vez, um caso insolúvel; os inspectores de segurança começaram a desanimar ante aquilo que eles chamavam o impersonalismo do assassino, o seu evidente conhecimento de todos os cantos da casa. «Um homem caído do céu, dizia-me o brigadeiro Costino; um crime quimérico, um desses



O AGENTE — MAS QUEM É VOCÊ?

quebra-cabeças inventados, ao que parece, por um génio zombeteiro e terrível para encantar o público; uma cozinha do inferno, meu caro senhor, mas sem cozinheiro!...»

Nesta ocasião começou o famoso roubo periódico de jóias que canalizou todos os esforços da polícia para novos caminhos. O tempo passou e caiu o silêncio sobre o enigma Oscar Van Danledô.



Noutros tempos, quando os acontecimentos costumavam desenrolar-se segundo um processo inmutavelmente idêntico, poder-se-ia albergar a esperança de que o assassino, perturbado por remorsos tardios, se denunciasse pelo facto de vir meditar ante a casa do seu crime. Mas na nossa época tão agitada, eu não ousei esperar que o assassino se conformasse ainda com este ideal clássico. E, no entanto, foi precisamente o que sucedeu.

É verdade; dezoito meses depois, foi preso um homem, mediocremente vestido com um velho terno-claro, calçando sandálias na última, na cabeça um feltro amachucado e se-bento. O conjunto era banal, estatura mediana, gordura mediana, falando francês com uma voz áspera e de falsete, com um esforço penoso da mandíbula, e tinha uma cicatriz que começava sob o olho direito, afastando o nariz para a esquerda, rasgando-lhe a narina, dando a volta ao queixo e descendo ao longo do pescoço, como se uma máquina de descascar batatas tivesse tentado debulhar-lhe o rosto. Era qualquer coisa de horrível, e facilmente tomava um aspecto pouco tranquilizador.

O enigmático indivíduo vagueava havia uma hora pela pequena praça, junto à casa do crime. Depois pareceu decidir-se, avançou para a porta, deu uma saendidela ao ferrólho, como se quisesse entrar, limpou cuidadosamente a placa da campainha que estava coberta de verdête, lançou um fundo suspiro e como, por cima da porta, pendesse uma taboleta com as palavras «Vende-se esta casa», pôs-se nos bicos dos pés, conseguiu arrancá-la e afastou-se com ela debaixo do braço como um gaiato que tivesse arrancado um cartaz.

Qualquer pensaria que era um maníaco, um perturbado; mas a polícia mostrou mais severo juízo e o agente 7, dirigindo-se ao inquietante vagabundo, perguntou-lhe com que direito tomara aquela discutível iniciativa. O indivíduo respondeu singelamente que lhe não agradava que aquela casa fosse vendida e que julgava assistir-lhe o direito de, como cidadão livre, emitir a sua opinião.

O agente, desorientado, refez-se e formulou-lhe a seguinte pergunta judiciosa:

— Mas... quem é você? Os seus papeis? Quem é você que se imisene assim na vida de uma localidade pacífica onde ninguém o conhece e onde, creio, não paga contribuições nem impostos?

É o indivíduo, friamente, respondeu:

— Quem sou eu? Você pergunta-me quem eu sou?... Garanto-lhe que o sabia ante-ontem, que me lembrava ainda ontem e que hoje já o não sei!... Não me acredita?... Julga que eu estou brincando?... Pois não estou... A verdade é que já não sei quem sou!... Mas, de facto, talvez o senhor me possa elucidar sobre este ponto!... O seu uniforme, senhor agente, é garantia perfeita

da sua competência, diante da qual me curvo reverente!...

O agente, decerto, neste momento, segundo a reconstituição da cena, diria alguma coisa assim como «Vamos, ande lá para diante!... Para a esquadra é que é o caminho!...» E o estranho indivíduo, fazendo uma careta que queria ser um sorriso, como se tivesse recebido um convite cativante, respondeu: «Com o maior dos prazeres, senhor guarda!»

Esta tranqüillidade não se desmentiu ante o comissário; nenhuma resposta sobre a sua identidade nem um papel, nada... um sorriso apenas... «Para maior comodidade da sua escrita, senhor comissário, queira chamar-me



A ARGUMENTAÇÃO DO ADVOGADO FOI CURTA, EMBARAÇADA...

o homem sem nome...» Mas às outras perguntas: o que fazia o senhor no momento em que o agente o deteve?... Porque limpou a placa da campainha e arrancou a taboleta?... respondeu uma enormidade, das mais graves conseqüências: «É que há muitos anos que me interesse profundamente por tudo quanto se refere ao senhor Van Danledô, e por isso me deu muita pena ver a maneira como o verdête atacara a sua placa da campainha depois do acontecido e também me indignou o facto de constatar que pretendiam vender uma casa que ele tanto amou. Positivamente, foi uma coisa que me magoou muito!...»

E, na verdade, afirma o comissário ter visto uma ou outra lágrima rebrilhando no entalhe da medalha cicatriz.

Dôr fingida ou verdadeira, mas em todo o caso, emoção suspeita!... O comissário cumpriu com o seu dever. Pôs o indivíduo miste-

rioso à disposição da justiça, para se lhe averiguar a identidade.



Mas a verdade é que o homem sem nome não deixou de ser o homem sem nome. As pesquisas antropométricas foram infrutíferas; a cicatriz era manifestamente recente e também os polegares estavam como que esmagados, deformados com toda a evidência. Sucessivamente a polícia supôs que deitara a mão a um comunista italiano, a um anarquista búlgaro, a um conspirador catalão, um ladrão de jóias de Sumatra, um rato de hotel de Havana; mas procedendo-se à verificação averiguou-se que todos esses indivíduos ou estavam a ferros ou tinham pago com a vida as suas proezas.

O homem sem nome guardava o seu mistério, se é que assim se pode dizer, com ironia e até alegremente. A cada nova hipótese murmurava apenas: «como os senhores quiserem...» No entanto, coisa inexplicável, era um pouco mais prolixo quando lhe falavam do caso Van Danledô. Chegava mesmo a ser prolixo contra o seu próprio interesse, coisa que ninguém podia compreender. Efectivamente custa a compreender que um preso contra o qual não existem provas nem testemunhas, um indivíduo apenas suspeito e que vai, por assim dizer, correndo ao encontro de uma acusação que lhe pode acarretar pena capital, mostrando até certo prazer em facilitar a minha missão como o prova este pequeno e típico diálogo entre ele e o juiz de instrução.

Éis o dito diálogo, tal como se conserva no sumário:

O magistrado faz a inquirição:

— Onde conheceu o senhor Van Danledô?

— Onde ele esteve na época da sua infância...

— Conheceu-o desde criança?

— Sempre o conheci...

— Visitava-o muito? Privava muito com ele?

— Muito.

— No entanto, não consta que fôsse um dos amigos íntimos do defunto...

— E era eu o mais íntimo.

— Aviso-o de que não deve continuar nesse tom porque vai acumulando factos de que talvez não suspeite o alcance...

— Mantenho as minhas declarações.

— Reconhece então que teve parte na destituição do senhor Van Danledô...

— Reconheço-o...

— Mas então... reconhece que é o autor desse assassinato horrível e da atroz operação de cozinha que se lhe seguiu?

— Reconheço ter participado do atroz cozinheiro, como vossa senhoria diz, mas nego toda e qualquer participação em qualquer crime!

Era impossível levar o interrogatório mais longe. O homem sem nome confessava facilmente a sua familiaridade com o defunto, a sua presença na casa no dia do crime, a sua participação nos actos que haviam dado origem ao macabro espectáculo da manhã seguinte, mas fugia, cuidadosamente, a toda e qualquer confissão do crime.

Estranha atitude. Era um jogo de palavras? Ou, mais esperto, queria simular a incons-



ciência? Foi esta última circunstância que, ante os jurados, esgrimiu o advogado que lhe foi destinado officiosamente quando o juiz de instrução, tropeçando com a vontade sarcástica do priso, o enviou ao tribunal, devidamente baptizado, para comodidade dos debates, com o nome de Luiz, o «Facada», em virtude da espécie de utilidade que lhe desfigurava o rosto.

O pior foi que o júri não partilhou a opinião da defesa, porque a atitude do acusado não depunha nada em seu favor. Uma lúcida ironia, o poder de expôr distinções subtis, dominavam tôdas as suas respostas. Além disso, um perpétuo ar de perpétuo ar de divertir quebra-cabeças aos jurados: Adivinha se és capaz, e escolhe se te atreves.

Por isso a argumentação do advogado foi curta, embaraçada e

branda; todos desejavam a condenação, era evidente. Quando eu me levantei não tive outro trabalho que não fôsse recapitular sobriamente a exposição dos factos e no momento em que evoquei as últimas confissões do assassino para lhe pedir a cabeça, senti perfeitamente, na vibração do auditório, que o meu discurso era inútil para conquistar a sua convicção e que me teria bastado expôr imediatamente as minhas conclusões.

Imediatamente se seguiu a condenação à pena última. O homem sem nome empalideceu ligeiramente, mas nem estremeceu. E antes de sair da sala fez ainda aos jurados esta declaração desconcertante:

— Matei Oscar Van Danledô e não o matei! Ele há de reaparecer para vos confundir... Já está mesmo entre vós e vós não o vedes... Mas em breve sereis obrigados a abrir os olhos e a reconhecê-lo. E então abrirei a minha prisão e eu sairei para ir com ele e haveis de sorrir-me e acolher-me com simpatia e eu vos digo que ainda irei jogar a minha partida de manilha convosco, senhores do júri que agora me condenai!...

E depois desta enfática declaração, que a todos pareceu o cúmulo do cinismo, tornou a sentar-se; era impossível que acreditássemos na sua inconsciência, bastava ver bem o olhar veltico do condenado, a-pesar da sua palidez, para se ver que estava perfeitamente lúcido...

E passou o tempo normal das inevitáveis apelações sem que se ressentisse o estado moral do condenado. Os guardas notavam-lhe uma invariável serenidade e uma confiança na sua próxima libertação que causava assombro. Era vulgar na sua conversa qualquer frase d'êste estilo «quando se esclarecer êste pequeno equívoco...» ou então «quando o erro dos senhores juizes fôr demonstrado...» Era um caso único...

Mas, passados dias, não vendo solução alguma ao seu caso, o homem sem nome

inquietou-se; foi como se tivesse, súbitamente, a revelação da grave partida que estava jogando. E uma bela manhã vi que o seu defensor vinha colocar sobre a minha secretária um sobrescrito assim rotulado: «Ao senhor procurador da República. Eis as minhas últimas vontades; abrir imediatamente».

Preguntado por mim, confessou o advogado que nada sabia sobre o caso e que obedecia à solicitação do seu cliente de que o documento fôsse entregue sem demora.

— Mais histórias romanescas, comentei eu, recolhendo os ombros. Que demónio de homem!... Na situação em que se encontra mais lhe valia confessar a sua verdadeira identidade; o que arrisca, mesmo admitindo que o seu ficheiro judiciário lhe revele os piores antecedentes?... Forte mania de querer ser guillotinado *incógnito*!...

E estendi ao defensor um despacho official que lhe comunicava ter sido negada a apelação. O defensor sorriu com a minha frase da guilhotina *incógnita* e retirou-se desejando-me muito prazer com a leitura das locuções do seu pupilo.

Negligentemente, meti a minha faca de cortar papel no canto do sobrescrito e extrai d'êles as folhas...

Não, não, nunca poderia ter suspeitado o que me esperava. Que diabólica arte de fazer brotar uma dúvida utilizando as lacunas e as fraquezas da instrução do processo!... Junto às minhas memórias o texto integro d'êste espantoso documento que tantas vezes me tem feito empalidecer no decurso d'êstes últimos meses. Dizia assim...

Senhor procurador:

O senhor pediu a minha cabeça em nome da justiça e da verdade.

E eu, em nome dessa mesma justiça e dessa mesma verdade, venho afirmar-lhe que procedeu mal e que, depois de ler o que aqui deixo es-

erito, não terá coragem de querer separar a minha cabeça de todo o corpo a que ela se sobrepõe, com bastante felicidade e harmonia, pelo menos na minha opinião.

Mas deixemo-nos de brincadeiras, porque para brincadeira já basta. O homem sem nome vai retomar o seu lugar na sociedade e renunciar ao sabor perigoso do incógnito. Feliz incógnito!... ao qual devo as mais excitantes sensações de uma vida que ameaçava ser morta e monótona, a que eu devo a triplice emoção do morto, do ressuscitado e do assassino, a que eu deverei, enfim, a possibilidade de escrever, daqui a vinte anos, as minhas memórias «Junto ao cadafalso», porque eu, daqui a vinte anos ainda hei de ser vivo; tenho um coração magnifico e a cabeça regula bem, está sólida. Sim, sólida e, senhor procurador, quando o senhor ler estas páginas, repito-lhe, não pensará mais em a cortar cerece.

Antes de mais nada, que fique isto bem assente: Durante toda a noite fatal, não estive em casa do senhor Van Danledô senão uma única pessoa. Qual? O senhor Oscar Van Danledô ou eu? Não, o senhor Oscar Van Danledô e eu. Lê bem, não é verdade?... Na casa havia o senhor Oscar Van Danledô e eu... E uma vez o acto terminado já não estava senão eu, se bem que, a-pesar disso, alguma vez ali tivessem estado, nessa noite, duas pessoas. E se não havia duas pessoas, não podia haver vítima nem assassino, não podia haver luta, não houve crime.

O que havia era, apenas, alguém que se aborrecia da vida, que aspirava a alguma coisa de novo, que sacudia a sua máscara passada e partia a refazer uma existência nova em fôlha!... Oscar Van Danledô morreu, morto por mim que era ele, e eu, que era ele, venho dizer-lhe: «ponha-me em liberdade; já que tem necessidade de que apareça

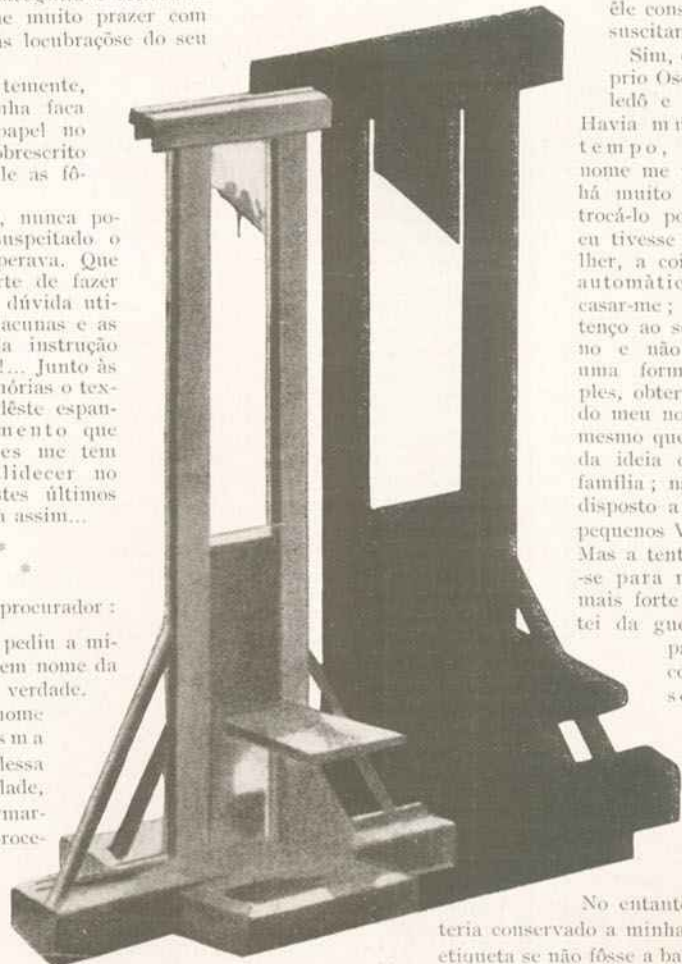
Oscar Van Danledô, êle consente em ressuscitar...»

Sim, eu sou o próprio Oscar Van Danledô e prová-lo-ei. Havia muito, muito tempo, que o meu nome me pesava, e de há muito pensava em trocá-lo por outro; se eu tivesse nascido mulher, a coisa era fácil, automática; bastava casar-me; mas eu pertenço ao sexo masculino e não podia, por uma forma tão simples, obter a libertação do meu nome. Foi isto mesmo que me desviou da ideia de constituir família; não me sentia disposto a engrandecer pequenos Van Danledô. Mas a tentação tornou-se para mim ainda mais forte quando voltei da guerra com os papéis de Nicolás Jordäel, soldado belga, papéis que eu topara dentro de um saco perdido numa cratera de obus.

No entanto, decerto eu teria conservado a minha horripilante etiqueta se não fôsse a baixa do franco.



BALBUCEI NÃO SEI O QUÊ...



Senhor procurador, eu era Van Danledô, capitalista e francês; e se é verdade que estava aborrecido de ser Van Danledô, mais desgraçado me sentia, creia-me, de ser capitalista e francês. Não! Já era demais!... E veio-me o desejo vago de morrer e tornar a nascer com outro nome, noutra sítio que não fosse este mundo incapaz de aclar de novo o seu equilíbrio; um mundo como é o nosso, em que o custo da vida aumentava sem cessar e os rendimentos diminuam sem interrupção. Mas... para onde ir, dir-me-iam? Há algum país que não conheça essas dificuldades? Sim, senhor procurador, um Novo Mundo; nesse momento existia o país da perfeita prosperidade: a América. E foi nesse mundo que eu decidi desaparecer. Transferi para lá os meus capitais e à ordem Jordãel. Sob este nome me iria juntar aos meus bens.

Ah!... Eu bem sei que está aqui o ponto fraco da minha argumentação. O senhor vai dizer: seja, o senhor Van Danledô pôde muito bem sentir o desejo de se tornar cidadão americano, mas, admitindo mesmo que o assaltava essa intenção de desaparecer, decerto não lançaria mão desse processo atrabiliário, no fim de tudo inútil e perigoso!... Eu já esperava essa objecção. Não é coisa que me perturbe. Não pode deter a minha verdade.

O senhor procurador, decerto, conhece o espiritismo?... Talvez que lhe tenha passado pelas mãos algum desses processos que, desde Boreus a Melum, com larga cópia de eubraxamentos, médiuns, fantasmas e fakires, atestam a rêde mística da nossa pobre humanidade. Nesse caso vai compreender-me; nestes assuntos de espiritismo, o elemento essencial, não é verdade?... é o acto de fé, e até muitos dos que se entregam a essas práticas, não hesitam em dar uma breve ajuda à realidade para tornar esse acto de fé mais ardente e absoluto.

Ora, qual era a minha intenção? Eu queria deixar de ser Oscar Van Danledô e passar a ser Nicolas Jordãel, isto é, de alguma maneira desencarnar-me e reencarnar-me. Era, portanto, necessário que deixasse de existir Oscar Van Danledô e, sobretudo, era indispensável que eu soubesse do seu fim por uma forma absoluta, certa, oficial; era preciso que, nesta convicção primordial eu me sentisse em união com os meus irmãos, os restantes entes humanos. Então, depois de ter participado de uma crença geral e pública acêrca da sorte do ente que eu fôra, poderia gosar, sem nenhuma espécie de dúvida ou hesitação, da nova personalidade que tivesse, por assim dizer, *envergado*... E eis porque me foi preciso matar, e foi preciso que o crime fosse notório e público e tal qual o cometi...

E pensa o senhor, mais ainda, que era preciso um crime sem cadáver, pois que eu levava comigo o cadáver e o dava a Nicolas Jordãel; e no entanto, para que o crime fosse patente, eu necessitava, pelo menos, de um pedaço de cadáver? Está já a adivinhar o resto, não é assim? Na noite em que teve lugar a desapareição, voltei pacatamente para casa, depois da minha partida de manilha, conforme já foi dito, e ali organizei a cenografia; foi rápido. Acendo o braseiro cheio de ossos de animais e de várias substâncias que me pareceram, pouco mais ou menos, do-seadas, para deixar uma mistura de cinzas e resíduos orgânicos capaz de iludir o inquérito dos especialistas e, por cima do monte, disposto com tãda a arte para ser parcialmente identificável, uma caçeira velha que tinha no fudo dum baú e era piedosa recordação de um tio médico que ma deixara em espólio.

O mais que podia acontecer, e assim foi, efectivamente, era que se levantassem suspeitas sobre a insuficiência de resíduos orgâ-

nicos para um homem da corpulência de Oscar Van Danledô. Os peritos adivinharam apenas a verdade a meias, supondo que o assassino teria levado com êle metade do cadáver; e no entanto, era o cadáver inteiro que fugia com êle!

Quanto ao resto da encenação, vestígios de luta, fato rasgado, cadeiras derrubadas, em desordem, meias partidas, é a infância da arte! Confessarei ter dedicado a êstes preparativos um ardor jovial e que gosei uma excitante voluptuosidade ao preparar a entrada no desconhecido, no nada, de Oscar Van Danledô. Sim, nesse momento, senti o estado de alma do assassino e satisfiz furiosamente um ódio súbito pelo ente que eu fôra, com repugnância, durante tantos anos.

Enterrei deliberadamente uma navalhina num ponto prèviamente escolhido da minha nádega direita e espalhei as gôtas de sangue recolhidas por sôbre êste harmonioso embuste cenográfico que a Justiça ponde contemplar na manhã seguinte. Chegou para a meza, para a faca da cozinha, para uma velha rodilha, para a serra do esquarejamento, enfim, para tudo: mas empregado com arte, não é assim?

Em breve dominei esta criminosa alegria e de mim se apoderou um puro sentimento de libertação quando contemplei o meu trabalho e aspirei, a longos haustos, o fedor que brotava do crepitar da minha carcassa. Então adquiri a noção absoluta de que não existia já Oscar Van Danledô e senti-me tal qual quisera ser, aquilo que os meus papéis atestavam que era: Nicolas Jordãel, que partia para a América a juntar-se ao meio milhão que eu para ali havia expedido anteriormente.

Sim, mas... nunca cheguei a entrar na América porque, indo de Bruxelas para Antuérpia, o infeliz Jordãel encontrou-se, súbitamente, esmagado entre dois bancos do vagão, num choque medonho, ao tempo que um varão de ferro lhe levava metade da face e metade do fato... onde ia a carteira com os documentos. E Jordãel esteve quasi a ir juntar-se, no outro mundo, a Oscar Van Danledô.

Por fim, depois de seis meses de hospital, pus-me outra vez a pé, com a cicatriz que o senhor bem conhece, com a voz rouca, transformado para todo o sempre, com a certeza, evidente, de nunca mais ser reconhecido... na precisa ocasião em que me dava mais vontade de que me reconhecessem. Porque, no hospital eu tivera tempo mais que suficiente para reflectir; não tendo papéis, a América estava fechada para mim e eu não via nenhuma figa de esperança de recuperar o meu dinheiro que tinha para lá mandado; e, com effeito, era para mim também igualmente impossível provar que era Oscar Van Danledô, por que ambos os *eu* estavam oficialmente mortos.

A minha situação era, na realidade, paradoxal e de enlouquecer; foi então que, sem recursos, me deixei levar, abandonado, à mercê do pitoresco do acaso e que voltei aqui, decidido a tudo... até mesmo a ressuscitar se acaso alguém me reconhecesse...

Ninguém me reconheceu. Ninguém disse: —Olha!... Mas êste é o senhor Van Danledô que matou o senhor Van Danledô!

Sempre detestei falar de mim mesmo e, por isso, esperei êsse reconhecimento sem querer provocá-lo. Ai de mim! —Nada disto aconteceu. As testemunhas nada disseram. E, no entanto, não há dúvida nenhuma de que eu sou Oscar Van Danledô, prestes a ressuscitar, curado da sêde de aventuras, absolutamente curado, senhor procurador. Não quero senão voltar à minha casinha e ali acabar a minha existência, implorando bênçãos para a sua bondade.

Examine, portanto, de novo, êste processo,

senhor procurador; peço-lho. Promova a minha acareação com as testemunhas que me conheceram intimamente antes do meu assassinato, interroge-me; tomo a responsabilidade de prova para todos a minha identidade com a vítima...

\* \* \*

A minha primeira impressão após a leitura deste documento foi, e a ninguém estranhará, uma impressão de profundo espanto. Depois admirei os detalhes; o tratante era esperto, o velhaco soubera utilizar admiravelmente as constatações e as próprias lacunas do processo para architectar com êles a mirabolante mistificação.

Mistificação, era o termo, porque eu não vi naquilo senão as locuções de um espírito de rara inventiva —isso não havia dúvidas —absolutamente capaz de obter grandes êxitos na novela, mas incapaz de deter a marcha dos acontecimentos.

De resto, mistificação frutífera; porque, se admitíssemos o genial achado do marmanjo reintegrá-lo-íamos, não só na pessoa do defunto assim ressuscitado, mas também na posse dos seus bens, reduzidos, é certo, a uma casa, mas ainda assim bastante apreciáveis para alguém que nada possuía neste mundo. E desta maneira, a única coisa que o assassino não tinha podido levar à vítima, passava agora à posse do velhaco do condenado.

Desta maneira considere desde logo o documento como uma curiosa fantasia e deixe correr as coisas; de resto, o tempo era pouco e já era impossível promover a revisão do processo sem que a justiça perdesse o seu prestigio ante o espectáculo daquele condenado que a tinha em cheque.

A execução realizou-se; o condenado teve a revolta que relatei. E quando eu voltava da execução com aquele bruto daquele médico da cadeia, êste parou e, detendo-me, com a mão pousada no meu ombro, disse-me:

—Curioso caso de mnemotismo moral, senhor procurador, curioso caso, na verdade!... Reparou bem na carêta do condenado quando deu o último passo em direcção a nós, antes de desaparecer? Reparou nessa carêta que lhe arregaçou, de forma tão bizarra, o lábio superior? Pois quere acreditar-me?... Eu conheci o pobre Oscar Van Danledô, tive mesmo muitas ocasiões de jogar as cartas com êle; pois era a carêta que êle fazia quando perdia algum dinheiro, a carêta que devia ter feito quando, diante dêle, surgiu a fera criminosa... Ah!... Se não fosse a cicatriz teríamos que acreditar que acabamos de mandar êsse pobre Van Danledô fazer companhia a si próprio no outro mundo!...

Balbuçei nem sei o quê... E o doutor acrescentou:

—Vamos, vamos! Este género de espectáculos não assentam bem à sua sensibilidade. Um conselho; não se pede a cabeça de ninguém quando o estômago nos não permite assistir à *expedição do volume* em grande velocidade... Vamos, vamos!... Volte para casa, tome um bom *grog*, um bom suadoiro, uma sonca valente, e estará fresco, reposto desta desagradável tarefa matinal...

Segui-lhe o conselho, mas não consegui dormir...

\* \* \*

O processo Van Danledô!... O processo Van Danledô!... O assassino que é a vítima, a vítima que é o assassino... Oh!... que arrepio de horror me percorre a espinha!...

René Fermont

(Tradução de J. Sousa Fonseca).

# á pesca



ALGUNS dias passados em Madrid levaram-me a estender a minha cana de pesca sobre as águas reduzidas, mas simpáticas e tranqüilas, do Manzanares.

Sentado na balastrada da castiça ponte de Toledo, de frente para a ermida de Santo Isidro, consegui a seguinte pescaria :

Um velho aficionado discute com o toureiro desconhecido :

—Mas você é toureiro?— perguntou o velho aficionado.

—Que demónio! Parece-me que isso é uma coisa que até se conhece por fora.

—É possível mas eu não percebi.

—Pois sou toureiro e dos mais afamados. Sou o que vulgarmente se chama : um fenómeno. Nunca ouviu falar no «Chico Mala Sangre»?

—Nunca.

—Pois olhe que tenho vindo retratado a meio corpo em quasi todos os jornais de Madrid.

—A meio corpo?

—Sim senhor, a meio corpo porque a outra metade, geralmente, está na enfermaria.

—Pouca sorte.

—Não diga isso. Um verdadeiro toureiro só tem dois caminhos a seguir : ou vai para a cabeça do touro ou vai para a enfermaria.

—E o amigo «Mala Sangre» vai sempre para a enfermaria?

—Não senhor, primeiro vou para a

cabeça do touro e para as mãos do

À esquina da «Calle —E como esteve corrida de Cadiz?

—Muito mal.

—Mas disseram-me uma orelha.

—Trouxe sim, mas tinha levado duas.

O espada, chegada a não há quem o conpara para o touro.

—Não tenhas medo barreira. Não sabes que liu a pena de morte?

—Eu sei, diz o esmas tenho medo que o

Perguntaram a —E o amigo verónicas?

—Não senhor, necessidade.

Um matador de crevendo o boi que lhe largaram :

—Aquilo tinha uma armação que me-tia medo ao demónio. Não era um touro com dois paus, era um eléctrico com dois trolleys.

Definições metereológicas dum sábio saragoçano :

*Chuva*—Uma coisa que cai sobre a terra sem dizer água vai.

*O trovão*—O maluco da atmosfera.

*Furacão*—Um vento que teve uma discussão com a mulher.

*Chuva de pedra*—Chuva fabricada por uma sogra para cair em cima da cabeça do genro.

*Neve*—A mulher água, que mudou de estado.

depois é que vou médico.

de Sevilha» : *Zapaterito* na

que tinha trazido

o pior é que ti-

hora de matar, vença a avançar

—grita um da a república abo-

pada a tremer, touro o não saiba.

um *muleta* : toureia por

toureio por

touros des-

Um actor espanhol escreve a um colega :

«Meu querido camarada : Peço o favor de me mandares três pesetas para ir jantar.

«P. S.— Reflecti e peço que me mandes cinco.»

Resposta do colega :

«Camarada e amigo : Envio-te as três pesetas que me pediste.

«P. S.— Reflecti e vou jantar com elas.»

No Café Madrid :

O freguez chama o criado e diz-lhe :

—Este café tem uma coisa boa e uma coisa má. A coisa boa é que não tem chicória.

—Não tem, não senhor—confirmou o criado.

—E a coisa má é que não tem café.

Um proprietário duma vivenda do bairro Salamanca chama um pedreiro para lhe arranjar uns canos do jardim.

À tarde, ao entrar em casa, viu o pedreiro, com quem tratara, sentado a fumar um cigarrinho e um outro a fazer o trabalho.

—Oiça lá! Então eu ajustei com o meu amigo o concôrto dos canos e é um outro que está a fazer a reparação?

—É verdade. Fui eu quem o encarregou do serviço.

—E quanto é que lhe paga?

—Cinco pesetas e meia.

—Mas eu combinei consigo cinco pesetas.

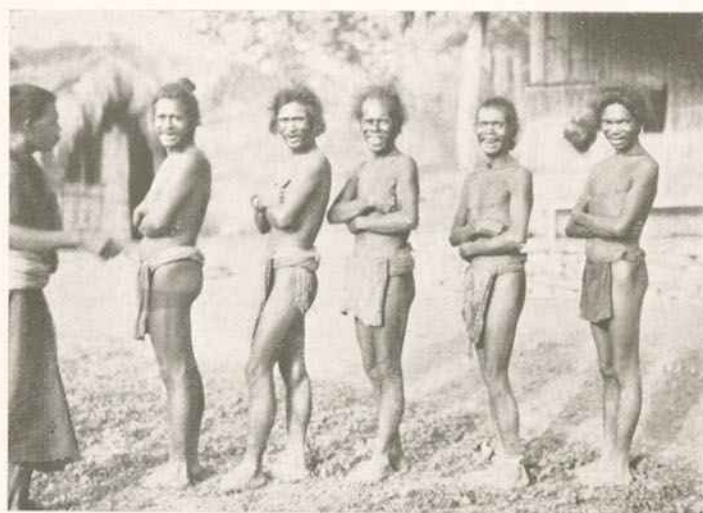
—Está bem. Mas por meia peseta parece-me que vale bem a pena ser um dia patrão.

## NO TRIBUNAL

*Juíz*—É porque é que o senhor diz que estava bêbado quando partiu os vidros do candieiro?

*Réu*—Porque lhe atirei vinte pedradas e só à última é que lhe acertei.

O pescador—Lino Ferreira.



128 — GRUPO DE INDÍGENAS DUMA REGIÃO DO INTERIOR (LITE-FOTO-TIMOR)  
— (Foto do sr. A. Meixedo — Timor)



129 — ALEGRIA — (Foto do sr. J. A. Gale — Mafra)

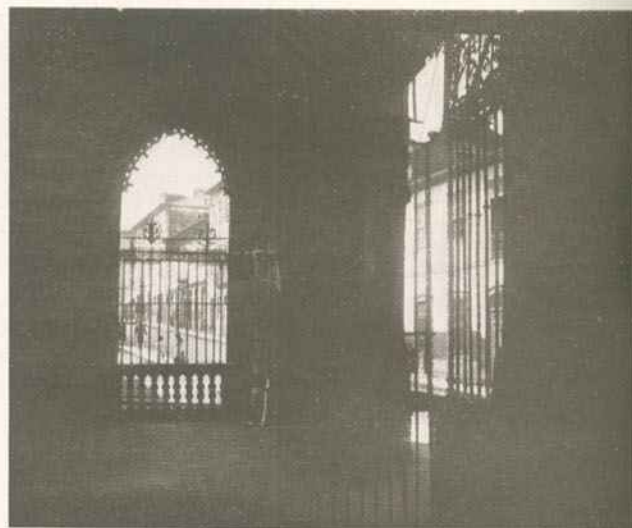


130 — SINFONIA DE LUZ E PEDRA — (Foto do sr. Arnaldo Carneiro da Silva — Coimbra)



131 — APÓS A BORRASCÁ — (Foto do sr. H. Botelho — Vila Pouca de Aguiar)

Concurso Fotografico  
entre Amadores  
organizado pela  
“ILUSTRAÇÃO”



132 — A SÉ DE BRAGA — (Foto do sr. Armando Ligez — Matosinhos)



133 — REFLEXO — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Póvoa)



134 — PERSPECTIVA... — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)



135 — PRAIA DA LHA DO PÓRTO SANTO — MADEIRA — (Foto do sr. José Leite Monteiro — Funchal)



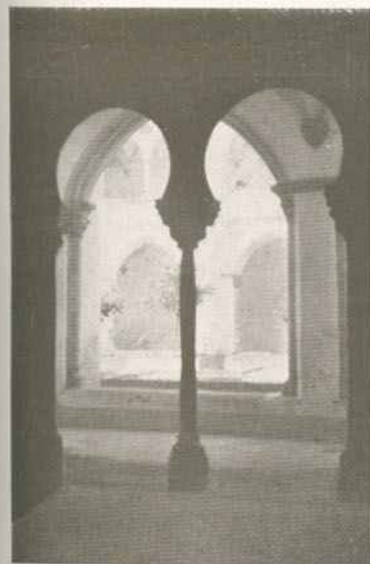
138 — QUANDO HÁ SEDE... — (Foto do sr. Manuel Alves Sereia — Coimbra)



136 — LENDO A HISTÓRIA DA CAROCHINHA — (Foto da sr.ª D. Maria Noemi Rodrigues de Araújo — Funchal)



139 — BOIEIROS NO MONDEGO — (Foto do sr. Relt Gonçalves — Lisboa)



137 — Évora — CLAUSTRO — (Foto do sr. J. Rosa — Lisboa)

### AOS CONCORRENTES :

Devido ao grande êxito que tem obtido o nosso concurso, a direcção da **Ilustração**, vê-se forçada a adiar o sorteio dos prémios destinados aos concorrentes, para a lotaria do Natal.

Como temos em nosso poder cerca de 700 fotografias não nos era possível publicá-las até à extracção da lotaria de Santo Antonio.

O prazo para a entrega das provas fotograficas é tambem adiado para **31 de Maio**.

A **Ilustração**, como se sabe, dedica não só 3 prémios de originalidade e perfeição, como 14 prémios de sorte — estes serão sorteados pela lotaria do Natal — e ainda outros, como

#### UM CINE-KODAK

no valor de **1.720\$00**, oferta da reputada casa KODAK e um prémio de:

**1.000\$00 em dinheiro** oferta da direcção da **ILUSTRAÇÃO**

Ao todo **26 PRÉMIOS**



140 — O DESPERTAR — (Foto do sr. A. Marques Junior — Porto)



141 — DEPOIS DA "FERRA" — (Foto do sr. Luiz Guimarães Brandão — S. Paulo — Brasil)



145 — JÁ COM ATITUDE DE MULHER... — (Foto do sr. D. M. do C. A. — Lisboa)



146 — INCLINAÇÃO PRECOZE — (Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisboa)



142 — UM PAR DE FRANCY — (Foto do sr. J. A. Gato — Lisboa)



143 — HERÓI DO MAR... — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



144 — AS PRIMEIRAS AMIGADAS... — (Foto do sr. Luiz Guimarães Brandão — S. Paulo — Brasil)



147 — O PRIMEIRO CIGARRO... — (Foto do sr. D. Maria Nemi Rodriguez de Araujo — Funchal)



148 — JOIE... DECEPTION... PAS D'EAU — (Foto do sr. D. H. Alves Garcia Pires — Vitor)

# Cinema

## Revista das Estreias

Só conhecemos a América através do seu cinema, da sua imprensa e das opiniões, mais ou menos concordes, de alguns escritores que a têm visitado. A sua civilização, em plena juventude, parece-nos digna de todo o interesse. Não somos dos que manifestam, embebidos nas coisas do espírito, um desprezo, cheio de superioridade, por todas as manifestações dessa civilização. Há, por certo, laivos de barbaria nas manifestações da sua arte e uma grosseria ligada à superioridade do seu dólar. Mas nada disso lhe tira um carácter original e definido.

Para a arte cinematográfica, a contribuição da América do Norte não foi nem tão mediocre nem tão secundária como o nosso orgulho de europeus nos leva por vezes a crer. A ela se deve, podemos dizê-lo, a invenção do movimento, a utilização integral dessa função primordial do cinema. A importância deste facto, que desviou o cinema das fórmulas do espectáculo teatral, conduzindo-o no sentido mais racional dum dinamismo intenso, é, na evolução da arte, dum importância incalculável.

O verdadeiro cinema americano, aquele que pode interessar, sob o ponto de vista crítico, como afirmação do espírito americano, ficou, portanto, pueril e movimentado. Pode servir-lhe de tipo qualquer dessas películas de cow boys que durante muito tempo correram pelos cinemas do mundo inteiro.

Entretanto, a necessidade de dar à produção americana um carácter internacional, aproximando-a ao mesmo tempo ao nível artístico da produção europeia, levou os produtores a chamar a Hollywood actores e realizadores europeus.

Os resultados dessa cooperação não foram, por circunstâncias várias, tão proveitosos como se poderia esperar. Os formidáveis recursos técnicos, postos à disposição dos artistas europeus, eram condicionados pelas características já determinadas do espírito yankee. E daqui proveio o choque de tendências tão diversas — choque fatal para a maioria dos realizadores europeus emigrados para a América.

Assim se explica o fracasso de realizadores como Jacques Feyder, que tendo realizado na

Europa alguns dos maiores filmes dos últimos tempos do cinema silencioso — *Os Novos Senhores* e *Tereza Raquim* — não animou ainda na América um único filme apreciável. Maurice Stiller, por exemplo, nunca logrou também elevar a sua arte, nos estúdios americanos, às culminâncias que atingira na Europa. O mesmo sucedeu com Sjöström de quem *O Vento*, a sua melhor realização na América, não dá, contudo, a medida do seu extraordinário valor. E o que dizemos destes, citados ao acaso da recorda-



LILVAN TASHMAN NUMA EVOCAÇÃO MODERNA DA MITOLÓGICA DIANA

ção, aplica-se quasi inteiramente à maioria dos realizadores europeus que têm exercido a sua actividade em Hollywood.

Lubitsch, de que acabamos de ver *O Tenente Sedutor*, é uma das raras excepções a esta regra. Não porque a sua arte se tenha definido melhor ou aperfeiçoado na América. Considerados dum modo absoluto, *A Leque de Lady Margarida* é superior a qualquer dos seus filmes realizados em Hollywood. Mas é que neste artista germânico, cheio de subtilidades e ironias leves, há uma marcada tendência para o superficial. E essa tendência encontra uma expressão feliz nas cine-operetas que lhe têm sido confiadas Além-Atlântico.

*O Tenente Sedutor* baseia-se no argumento célebre da opereta «Sonho de Valsa» que vimos há anos, no Central, realizada em filme silencioso. Este entretanto gracioso foi inteligentemente desenvolvido por Lubitsch que nele encontrou origem para uma série de graciosas cenas de excelente comédia.

Chevalier teve o papel que lhe convinha. Representou-o dentro da sua forma inalterável. Não seria razoável exigir-lhe mais.

A partitura de Oscar Strauss não nos agradou. Há nela uma ou outra passagem de excelente música — a valsa, por exemplo. Mas o restante é incharacterístico e está tão longe das populares canções de Chevalier, como da moderna música americana, como ainda das clássicas composições vienenses.

Claudette Colbert e Miriam Hopkins secundaram Chevalier e não se houveram mal nos seus papeis.

*Dois num automóvel*, título com que foi baptizado entre nós o filme *Paris-Mediterrâneo*, é mais uma opereta ligeira, saltitante, envolvida de optimismo, que Joë May realizou.

Conhecíamos já deste jovem animador alemão esse impressionante filme que é *Asfalto*. Voltamos a encontrá-lo em obra bem diversa — mais superficial e ligeira. Não admira, portanto, que seja menos evidente a manifestação do seu raro talento de realizador. Ainda assim, a sua sensibilidade apurada encontra forma de se impôr em muitas passagens do filme.

Vale a pena, a propósito, notar a voga crescente que a opereta ligeira e optimista vem gozando, e os pesados sacrifícios de artistas e capitais que ela vem impondo a outros géneros de cinematografia.

A interpretação conta Jean Murat, excelente no papel de homem rico que simula modesta posição por amor dum linda caixa. Esta é Annabela, que anima as melhores cenas com a sua beleza quasi clássica. Duvallès e Noguere interpretam, com grande fantasia, dois personagens cómicos.

Para terminar queremos referir-nos a *Anjo da Noite*, um filme curioso que o Central exibiu e de que Nancy Carroll e Frederic March interpretam os principais papeis. Há nesta película uma desconcertante mistura de excelentes qualidades e defeitos vulgares. A sua realização demonstra, por vezes, a influência dum personalidade vigorosa. Pena é que ela não se manifeste uniformemente através de todo o filme. Assim mesmo, e apesar do argumento ingrato que lhe serviu de base, o filme desperta interesse e revela ao espectador atento algumas surpresas.

Manuel L. Rodrigues

# CINEMA

## NOTA DA QUINZENA

### FILMES DE PUBLICIDADE

**H**á já algumas semanas que as empresas das nossas primeiras casas de espectáculos exibem, durante os intervalos dos seus programas, curtas películas de publicidade comercial, enquanto a sala se mantém mergulhada numa semi-obscuridade.

Parece-nos provável que o costume se radique. Nem seria natural que tão poderoso meio de propaganda deixasse de ser aproveitado para fins comerciais. Além de que essas projecções representam, para o exibidor, uma apreciável receita suplementar.

Sob tódas as suas formas, a publicidade tem adquirido nos últimos tempos um notável cunho de arte. Nas revistas estrangeiras, por exemplo, é freqüente encontrar desenhos de grande valor, mesmo considerados, exclusivamente, sob o ponto de vista artístico. Também entre nós a publicidade se tem modernizado, mercê, sobretudo, do concurso de alguns grandes artistas — Krafft, entre outros.

Importa que a publicidade cinematográfica se integre neste progresso. Parece-nos ilógico que se utilize o mais moderno e poderoso meio de propaganda em fórmulas de reclamo envelhecidas e pouco eficazes. Além disto a publicidade cinematográfica impõe-se mais imperiosamente do que qualquer outra, forçando o espectador a ver o reclamo, a menos que ele feche os olhos ou saia da sala. Resulta d'êste extraordinário poder que são maiores as suas responsabilidades e que lhe cabe, mais do que a qualquer outra forma de publicidade, a obrigação de cativar o interesse do público. É isto que o anunciante deverá ter em vista ao intentar pôr o écran ao serviço da sua propaganda. Cumpra-lhe, além de rodar o seu filme das indispensáveis garantias de perfeição técnica, assegurar-se ainda da colaboração dum artista que, através duma realização inteligente, nos dê, numa acção curta mas interessante e sugestiva, a ideia-reclamo desenvolvida de forma inesperada e atraente.

A não ser assim, os efeitos duma publicidade cinematográfica mal dirigida podem ser contraproducentes. O filme de propaganda, sem interesse e sem carácter artístico, imposto quasi obrigatoriamente ao público que não quis abandonar a sala, resultará em desfavor do artigo reclamado. — M. R.



Anuncia-se que Murnau, o célebre realizador alemão, vítima há algum tempo dum trágico acidente de automóvel em Hollywood, vai ter uma estátua erigida à sua memória.

Deve o cinema a Murnau alguns dos filmes mais célebres de todos os tempos. *Fausto* e *O último dos homens* são obras clássicas do cinema que ficam a testemunhar o seu extraordinário valor. Já na América, contratado

pela *Paramount*, realizou *Tabu*, que vimos há pouco no Tivoli, e cuja montagem terminou poucos dias antes do acidente que lhe custou a vida.

A homenagem que lhe vai ser prestada, e de que pela primeira vez é alvo uma individualidade do mundo cinematográfico, é, pois, inteiramente merecida dado o valor excepcional da obra que o grande realizador nos legou.



Em 12 d'êste mês faleceu inesperadamente, em Paris, o conhecido actor Pierre Batcheff, um dos mais talentosos galãs do cinema francês.

No dizer dos que o conheciam de perto, Batcheff possuía essa impaciência de acção, êsse apetite forte de vida dos que pressentem que têm pouco tempo para viver. A sua existência é um exemplo admirável de actividade. Figurou em numerosos filmes, em



FREDERICH MARCH, O GALÃ QUE VIMOS, RECENTEMENTE, EM «O ANJO DA NOITE»

muitos d'êles em papeis centrais. Vimo-lo, por exemplo, em *Jogador de Xadrez*, *Napoleão*, *Amores da meia-noite*, *O Rebelde*, etc. Não se contentava, porém, com isso e muitas vezes trocou o seu lugar de actor pelo de autor ou director de filmes. Colaborou, estreitamente, com Abel Gance na realização de *Napoleão* e com Marciel L'Herbier em *O Defunto Pascal*. A sua apurada sensibilidade artística era devidamente apreciada no meio cinematográfico francês. Leon Poirier ia confiar-lhe, agora, a realização dum filme cuja *déoupage* êle deixou já terminada.

Com a morte de Pierre Batcheff perdeu o fonocinema francês um dos seus valores reais. As suas qualidades já conhecidas do cinema silencioso, acrescentara êle a revelação duma voz expressiva e agradável que

muito contribuiu para os seus êxitos em *Amores da Meia Noite* e *O Rebelde*.



Continua em plena actividade a organização da *Sociedade dos Filmes Sonoros Portugueses*. Já aqui tivemos oportunidade de dizer quanto esta iniciativa se nos afigura digna do auxílio de todos.

É indispensável organizar em Portugal a indústria do fonocinema. Evitar-se-á, d'êste modo, uma enorme saída de ouro para o estrangeiro e criar-se-ão novas aplicações para as actividades nacionais. Só por êste duplo objectivo merece a iniciativa a cooperação desinteressada de todos os cinéfilos portugueses.

Mas para que ela vingue é preciso destruir no espírito da maioria dos cinéfilos a ideia falsa de qua a indústria do cinema não tem condições de vida em Portugal. Temos para explorar um vasto território — o Brasil — onde a língua portuguesa é falada por muitos milhões de homens. Para o conquistar basta produzir filmes de real valor. O nosso triunfo é certo, como certo é sempre o êxito das *tournees* teatraes ao Brasil. Há isto um primado de espírito de importa manter e utilizar inteligentemente.

Temos repetido, convictamente, que a indústria do fonocinema, em Portugal, é viável. O problema é todo de administração. E essa está confiada, desta vez, não a sonhadores e utopistas, mas sim a homens experimentados que são garantia bastante do êxito.



Chaliapine, o famoso cantor russo recerberá, segundo proposta que aceitou, a bela soma de £ 25.000 para interpretar para o fonocinema a célebre ópera *Don Quixote*. Ficam assim definitivamente desmentidos os boatos da sua colaboração artística com Charlot.

Resta saber se uma versão sonora do *Don Quixote* corresponderá ao interesse que os produtores por ela parecem manifestar.



Afirma-se que Charlot pensa, no seu regresso a Hollywood, abandonar a sua gloriosa silhueta de tantos anos e dedicar-se apenas à realização.

Tratando-se do Charlot, porém, tódas as afirmações são prematuras. O seu carácter caprichoso reserva-nos, talvez, sensacionais surpresas.



Anuncia-se uma revolta contra o actual sistema de *estrêlas* reinante em Hollywood. Essa revolta será dirigida pela «Columbia», uma das seis maiores empresas produtoras dos Estados Unidos, que tornou pública a sua decisão de adaptar os artistas aos filmes e não êstes à personalidade do actor. D'êste modo, acabam os contratos a longo prazo que serão substituídos por contratos especiais para cada filme. Na opinião dos dirigentes da «Columbia» são os filmes que devem interessar o público e não os artistas que o interpretam.

Se o critério triunfa muito tem com isso a ganhar a arte cinematográfica.



## CINEMA

A arte da transformação

## OS PROTEUS MODERNOS

O cinema parece destinado a substituir na nossa época a mitologia das idades antigas. Numerosos são os pontos de contacto que apresenta com esta. Tem como ela os seus deuses de sobrenatural beleza e poder, as suas lendas de maravilha, os seus prodígios e até um Olimpo moderno—que se chama Hollywood—e onde pairam, inacessíveis, as divindades que só se revelam aos mortais, transformadas em claridades e sombras.

A semelhança de Proteu, o deus-pastor dos monstruosos rebanhos de Anfrítite, cuja lenda ocupa algumas das mais belas passagens das *Geórgicas*, de Virgílio, também esses deuses do cinema, a que se usa chamar *estrélas*, possuem algumas vezes o mágico poder de se transformar, que é nêles a faculdade maravilhosa de modificar os corpos pela arte subtil de caracterização.

Conquanto de remota antiguidade, só no cinema a arte da caracterização alcançou o grande desenvolvimento que hoje tem. De facto, foram certas exigências particulares da câmara cinematográfica que levaram a desenvolver e aperfeiçoar todos os conhecimentos sobre caracterização. A análise minuciosa da lente, a ampliação da imagem no *écran* não eram compatíveis com certos processos grosseiros de caracterização, usados no teatro.

A menor imperfeição que, no teatro, as luzes da ribalta e a distância a que está o público, atenuam a ponto de tornar insensível, acha-se no *écran* ampliada dez ou vinte vezes, bem patente, portanto, aos olhos do espectador. Por aqui se pode ver o que representa de engenhosidade e ciência uma dessas caracterizações que alguns filmes nos apresentam.

Falando desta arte difícil e complexa que raros artistas chegam a possuir completamente, forçoso é recordar Lon Chaney, o mais célebre dos modernos Proteus.

Este extraordinário artista, que ficou ocupando um lugar de destaque na história do cinema, aliava a uma excepcional aptidão histrionica, os mais vastos conhecimentos da complexa ciência da caracterização, cujos segredos possuía como ninguém.

Chaney especializou-se na criação da deformidade. Quasi todas as suas interpretações são imagens de pesadelo, disformes e trágicas. Numa simulou impressionantes mutilações como em *O homem sem braços*. Noutras monstrosos horrendos como o corcunda de *Nossa Senhora de Paris*. Em muitos dos seus filmes transformou espantosamente a face, desde esse impressionante *Mr. Wu*, até à máscara horrível de *O Fantasma da Opera*.

Para chegar a esses resultados Chaney infligiu a si próprio todas as torturas. Em *O Fantasma da Opera* usou uma dentadura que lhe deformava a boca e causava dores insuportáveis. Em *Nossa Senhora de Paris*

é poderosamente facilitada por uma modificação mental que o leva a pensar e a sentir diferentemente.

Merecem ser recordadas as suas interpretações de *Fausto*, em que nos deu duas encarnações diversas de «Satanaz»; de *O Patriota*, nessa impressionante silhueta de Paulo III; e de *Tortura da Carne*, em que uma transformação lenta vai marcando, no seu rosto abatido pela desgraça, o rodar dos tempos.

Conrad Veidt, o grande actor alemão, repetindo-se embora com frequência na interpretação dos seus papeis, possui, do mesmo modo, um subtil poder de transformação. Vimo-lo exercer esse poder, de forma evidente, em *Os Irmãos Schellenberg*, onde ele interpretou, simultaneamente, o papel de dois irmãos. Em *Estudante de Praga*, quando se faz o desdobramento da sua personalidade, há, nas duas imagens semelhantes que se defrontam, um mundo de subteis diferenças. E a sua caracterização sóbria mas impressionante de *O homem que ri* testemunha ainda o seu valor como artista neste género.

É menos frequente entre mulheres essa faculdade. Poucas se aventuram a atentar, por um momento que seja, contra a sua beleza, e menos ainda se sujeitam às torturas que uma grande caracterização impõe. Ainda assim, recorda-nos Norma Shearer, a inteligente actriz da *Metro*, cuja caracterização em *O Preço dum Beijo*, pode ser qualificada de admirável. Como o leitor, decerto, se recorda, Norma interpreta nas primeiras cenas desta curiosa comédia o papel duma secretária endurecida e feia, que um instituto de beleza faz o milagre de transformar numa linda mulher. A dissemelhança entre estas duas imagens opostas é assombrosa.

Vão escasseando os actores dotados desse extraordinário poder de transformação. A vaga deixada por Lon Chaney nunca chegou a ser preenchida apesar de todos os pretensos sucessores que lhe foram apontados. Boris Karloff, que interpretou ultimamente *Frankenstein* e *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, apresenta-se actualmente como um dos seus mais prováveis sucessores.

Resta citar Jean Hersholt, um actor menos conhecido do nosso público do que seria justo, que vimos desempenhando o papel de preceptor em *Príncipe Estudante*. Após muitos anos de esforços, Hollywood começa agora prestando justiça às suas notáveis faculdades.

Tais são, em resumo, os Proteus modernos, os homens que, à semelhança do deus mitológico, possuem o poder maravilhoso de mudar de forma.



CHEVALIER, O ARTISTA SEMPRE IGUAL E SEMPRE ADMIRADO

deformou o torax com fortes correias até lhe dar essa configuração monstruosa que Vitor Hugo descreveu no seu genial romance. Foi à custa de sacrifícios semelhantes que Chaney conquistou o título indisputado de «o homem das mil caras».

Outros actores têm exercido superiormente essa estranha faculdade de transformação. Jannings, por exemplo, sem levar tão longe como Lon Chaney o emprêgo da caracterização, possui, como grande artista que é, o segredo profundo da transformação quasi milagrosa. Mais do que a caracterização, Jannings faz entrar em jôgo, para esse fim, certos factores psicológicos. A sua transformação



**O**RGANIZADO pela Sociedade Nacional de Belas Artes, efectuou-se, no passado domingo, um banquete de homenagem ao sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga e presidente da Academia de Belas Artes.

O banquete foi presidido pelo sr. dr. Monteiro de Barros, que representava o ministro da Instrução, tendo à direita o homenageado e à esquerda o sr. Silveira e Castro. Em frente sentava-se o pintor Varela Aldemira, presidente da S. N. B. A., tendo à sua direita o sr. dr. Júlio Dantas e à esquerda o sr. dr. Xavier da Costa, representante dos Amigos do Museu.

Falaram os srs. dr. Monteiro de Barros, Varela Aldemira, Adães Bermudes, dr. Afonso Lopes Vieira e, por último, agradeceu as referências feitas ao seu nome o sr. dr. José de Figueiredo, que se referiu também à grandeza da nossa pintura e ao esplendor da sua época. As últimas palavras do homenageado foram muito aplaudidas.



UMA HOMENAGEM — GRUPO TIRADO EM CASA DO GRANDE PIANISTA VIANA DA MOTA, DIRECTOR DO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE LISBOA, QUANDO DA VISITA DE ALGUMAS DAS SUAS DISCÍPULAS E ADMIRADORAS, QUE FORAM FELICITADAS O INSIGNE PROFESSOR, PELO SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

**C**OMEMORANDO o 1.º aniversário da República Espanhola, o sr. embaixador deste país em Lisboa, ofereceu um banquete, seguido de recepção, ao elemento oficial e em honra do sr. Presidente da República.

No lugar de honra sentou-se o sr. general Carmona, que tinha à sua direita a sr.ª D. Luíza Rocha, ministro dos Estrangeiros, madame Prieto, coronel Costa Macedo, capitão Silva e Costa, e à esquerda madame Fernando Branco, dr. Teixeira Sampaio, Tavares de Melo e comandante Tapia. Em frente do chefe de Estado estava o sr. Juan José Rocha, que tinha à sua direita o sr. presidente do governo, madame Costa Macedo, Barreto da Cruz, D. Juan Prieto, e à esquerda madame Domingos de Oliveira, monsenhor Nicotra, madame Silva e Costa e o sr. Vaz Sarafara e Orensé, secretário da Embaixada.

Falou unicamente o sr. Embaixador, tendo-lhe respondido, em breves palavras, o sr. general Carmona.

Seguiu-se a recepção dada a várias entidades oficiais e membros mais em destaque da colónia, tendo o sr. Presidente da República condecorado, no salão de baile, com a Ordem de Cristo, o chefe da Banda do Regimento de Infantaria 16, de Badajoz, que depois executou a «Portuguesa» e o Hino Nacional Espanhol.

# Vida Feminina

**H**Á na maioria das senhoras portuguesas uma grande indiferença pela Arte. Há senhoras que são todos os dias, que gastam horas em chás, onde nada de interessante se diz, que andam nas ruas da Baixa quilómetros, que param extasiadas diante de montras, que nem sempre são do melhor gosto artístico, e que não conseguem dispor de duas horas por mês para irem a um museu. É lamentável esta maneira de pensar. E é triste ver que as nossas preciosidades lhes são desconhecidas. E nós temos maravilhas que ainda o ano passado causaram sensação, no alto-mundo artístico, em Paris, na exposição do «Jeu de Paumes». Essa exposição, tão brilhantemente dirigida pelo dr. José de Figueiredo, e que me deu a maior emoção de Arte e de orgulho patriótico da minha vida.

O nosso Museu de Arte Antiga, nas Janellas Verdes, está hoje digno de ser visitado. As salas de ourivesaria sacra, a sala da baixela Germain, a sala das porcelanas, a galeria de pintura, maravilhosamente disposta, são dignas de um museu de uma grande capital. Mas não é só este museu que nos dá horas de prazer espiritual e que nos mostra as riquezas artísticas que possuímos.

O pequeno museu da capela de S. João Baptista, em S. Roque, é também uma maravilha de Arte sacra.

A sua apresentação e disposição nada deixam a desejar. E as maravilhas começam a deslumbrar-nos no átrio com os frontais de altar maravilhosamente tecidos e bordados à mão, e de admiração pelos ricos paramentos, pelos relicários de uma imensa riqueza e de um cinzelado perfeito, pelas rendas da mais bela leveza e do maior valor, levam-nos até ao altar de «lapis lazuli» e prata e aos magníficos tocheiros, que são um deslumbramento para quem sabe apreciar o que é belo.

E temos ainda o museu dos Coches, o mais rico do mundo, que tendo eu visto a colecção de Versailles e a do Vaticano, e também a de Madrid, nada vi que se pareça com a nossa. Creio mesmo que só a de Viena de Austria se lhe aproxima, sem no entanto a igualar, na beleza e no número de coches. Temos ainda o Museu de Artilheria, bem digno de ser visitado.

E creiam, minhas senhoras, que visitando os museus, elevando o seu espírito na contemplação de coisas belas, não perdem o seu tempo, antes só aumentam os seus conhecimentos artísticos, e tornam bem mais interessante a sua conversa, do que ocupando-se apenas de frivolidades ou falando de vidas alheias em reuniões que nada deixam ficar no espírito, e onde afinal muitas vezes se aborrecem. As visitas aos museus são um prazer espiritual a que o espírito se habitua, descobrindo sempre novas maravilhas, novos encantos, e que aumentando o seu gosto artístico, só pode trazer um mais profundo e completo interesse à sua vida.

Maria de Eça.

## A economia

A economia é uma das qualidades essenciais na mulher, mas a eco-

mia sensata, equilibrada e bem entendida.

A mulher que prescinde de uma flor em casa, a flor, que dá a nota do ideal e da beleza, para aferrolhar o dinheiro, que como Harpagão, o personagem de Molière, conta avarentamente, essa não é a auxiliar da vida, essa é a sua torturadora que o martiriza com o pavor dos gastos, que a tóda a hora lhe fala na carestia da vida, que atormenta as crianças com ralhos para que não estraguem nada, aterrando-os desde a infância com o medo à vida, com a submissão ao dinheiro que é o deus da sua vida.

Essa mulher não sabe ser económica, é avarenta, o defeito mais maçador que pode ter a mulher que veio ao mundo, para espalhar em sua volta, graça e beleza, alegria e sol, para embelezar a vida ao marido, para esconder dos filhos com um sorriso nos lábios as preocupações, que às vezes tem. Sejam económicas, minhas senhoras, mas não sejam avarentas.

Poupem o dinheiro que o homem, com tanto trabalho ganha, mas não o aferrolhem, dêem com ele alegria e prazer às crianças, distrações ao marido, bem-estar a todos, e que o trabalho que a economia possa dar, floresça em alegria e satisfação para a família, para o embelezamento do lar e seu conforto, e que assim ela possa por todos ser apreciada. Que a nossa economia seja uma fonte de satisfação e nunca um motivo de aborrecimento, para aqueles que dependem da administração de uma boa dona de casa, e que possam assim reconhecer o esforço que a economia representa.

## Modas

**N**os vestidos de noite a moda não tem variado ultimamente. Continuam quasi os mesmos feitios e os mesmos tecidos a usar-se. Mantém-se o vestido comprido, sendo mesmo alguns de cauda. Damos hoje um modelo de casino, muito interessante. Em crêpe da China vermelho, é da maior simplicidade e pode dizer-se que de um lindo efeito. Não tem uma única guarnição que não seja no mesmo tecido, e, no entanto, o seu aspecto é não só da maior elegância como até luxuoso devido ao trabalho de costura. Estes vestidos não são fáceis de executar porque têm imenso



trabalho de corte e de feitio, e só uma boa costureira consegue fazê-los com o cunho de «chic» que devem ter. Para os vestidos de desporto continua o «jersey» a ter uma grande voga, e damos hoje um gracioso modelo em «jersey» bege e azul escuro. O vestido é de uma grande simplicidade. O casaco comprido que como abafo é ainda o mais prático, é em azul escuro «double» de «jersey» bege, o que o torna muito confortável. O outro modelo, é um lindo vestido de primavera, que pode ter várias aplicações e que não está descabido num chá da tarde, podendo ser usado em compras ou qualquer visita, sem chocar aqueles que exigem que a «toilette» esteja de acordo com a hora e com o uso que se lhe dá. Executado num fino e «souple» tecido de lã, azul da moda, a sua originalidade consiste numa renda feita com rolinhos da mesma fazenda, que garante artisticamente o «corsage» e as mangas do vestido. Com uma linda raposa negra e um chapéu preto em palha brilhante, é uma deliciosa «toilette» para os dias quentes que nos estão a bater à porta, e com os quais é preciso contar.

As mulheres na Índia

É extraordinário o que se está passando na Índia, no meio feminino. As mulheres que até aqui viviam no interior da casa, submissas à vontade do homem, têm-se manifestado de uma energia extraordinária na luta pela nacionalidade. Entre essas mulheres salientam-se Srimati Sarojini Naidu, oradora e conferencista de renome internacional, eseritora notável, denodada e intrépida reformadora social, e ardente patriôta. Tem tomado parte nos Congressos internacionais femininos, fêz parte da última conferência da Tavola redonda, reünida em Londres, e, de ali partiu para a conferência da cidade do Cabo.

É esposa e mãe dedicada, tendo corrido com o seu exemplo prático para estirpar vários preconceitos da sociedade indú, como: o do casamento precoce, o das castas, o do purdah e outros. É uma mulher de reconhecido valor. Srimati Costuribai Gandhi, é a esposa dedicada do caudilho das liberdades indianas Mahatma Gandhi. Corajosa e abnegada patriôta, apesar de ser já de uma idade em que mais se aprecia o repouso do que a luta, não tem poupado os seus esforços para ajudar o seu marido na propaganda da independência. Expia a sua audácia actualmente no cárcere, suportando estoicamente tôdas as privações.

Srimati Isansa Mehta, é ex-presidente do conselho de guerra do Congresso Nacional da Índia, 1930-31, audaciosa reformadora social,



que tendo envivado passou a segundas núpcias, contrariando o preconceito indú da proibição do casamento das viúvas. Também está prêza, não sendo esta a primeira vez que os cárceres a recolhem, pois já em 1930 passou uma temporada na prisão.

Estas mulheres são para admirar por terem a coragem de afirmar e impor o seu valor num meio onde a mulher até à pouco, não tinha voz nem voto, fazendo uma vida de apagada submissão.

O penteado

COMO as nossas leitoras podem ver na gravura que hoje publicamos, o penteado feminino lentamente evoluciona para o uso do cabelo comprido. A seguir ao cabelo «à garçonne» vieram as madeixas e as pastas, e pouco a pouco o cabelo tem ido crescendo. Os caracóis faziam furor o ano passado, em Paris, e, a mêdo, começam a aparecer os pequenos «chignons», timidamente caídos sobre o pescoço. Os cabeleiros fazem congressos, anunciam que o cabelo se vai usar muito mais curto, mas a parisiense, cujo capricho é sempre variar, não cede e deixa crescer o cabelo. Será uma moda definitiva? Quem sabe. Nada há que fiar na opinião da mulher moderna, e é bem possível que amanhã uma mulher da moda ao fazer natação ou qualquer outro desporto, se incomode com a cabeleira e a faça cair sob a tesoura do cabeleireiro. E aí volta a voga do cabelo curto.

Higiene e beleza

HOJE, tôdas as senhoras se pintam, mas a maioria não sabe despintar-se, o que também é muito importante. Nunca se deve conservar, durante a noite, a pintura do rosto, e é preciso limpar completamente a pele, para que os poros transpirem com toda a liberdade. Quando se usam pinturas gordas (em crêmes), é preciso limpá-las com vaselina e, depois, com água morna e um bom sabão. Empregando pinturas sêcas (comprimidos de pó), basta lavar a cara com água morna e, depois, dar no rosto com algodão embebido na seguinte loção: Açúcar candi, 50 gramas; álcool canforado, 25 gramas; leite, meio litro; água de colônia, um quarto de litro. Faz desaparecer toda a irritação produzida pela pintura. Para ter uma boa pele nada há como esfregar a cara com morangos frescos. Torna a pele macia e dá uma linda cor. Quem tiver a pele gorda não deve usar crêmes.

De mulher para mulher

Rosa brava:— No verão, para as crianças, a cor preferida é o branco, e, parecendo talvez que não, é a cor mais prática porque se lava e não desbota, como acontece com as outras cores. Para mais «toilette» os sapatinhos de pelica branca são os mais elegantes.

Maria S.— Porque não aproveita essa habilidade que tem? Isso é falta de confiança em si própria. Há senhoras que fazem todos os seus vestidos em casa, e que são elegantísimas, fazendo mais vista do que algumas que gastam um dinheirão em modistas.

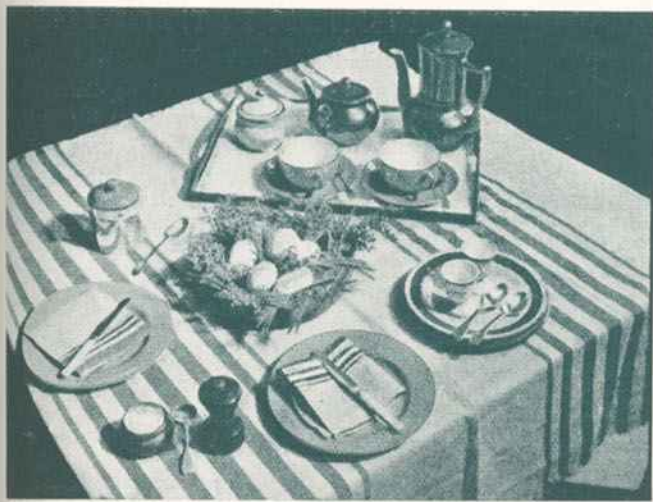
Julietta:— Isso é fatalidade do nome, deixe de ser tão apaixonadica. Coma, passeie e esqueça esse ingrato. Uma mulher nova e bonita, como diz ser, encontra facilmente o remédio para esses males do coração. Há sempre quem queira substituir os infieis, que, na minha opinião, não merecem essas tristezas.

Loira:— Acho que escolheu muito bem. O verde água é de um lindo efeito à noite e fica muito bem às loiras de pele rosada como a sua.

Curiosidades

CURIOSÍSSIMA e tipicamente oriental é a história da origem da mesquita de Halja Pachá, em Constantinopla. Uma sultana, três vezes divorciada do marido, devia casar com ele pela quarta vez, mas não o podia fazer





de proceder: deixar alguns dias os cigarros fechados numa caixa de madeira com um «sachet» perfumado, ou então humedecer ligeiramente o tabaco com algumas gotas de perfume. Os cigarros perfumados denotam um requinte de elegância.

Quem tiver sapatos velhos amarelos manchados, pode tingi-los de preto. Como? Muito simplesmente, passando sobre todo o sapato tinta preta; a melhor é a tinta da China. Não ignoram que esta

tinta nunca mais sai e o coiro assim pintado não teme a chuva.

Se querem fazer lindos bordados, que pareçam antigos, e que terminados podem servir para panos de mesa, capa de piano ou almofadas, não é preciso comprar desenho. Basta adquirir «cretonnes» de flores e rebordar tôdas as flores e as fôlhas cobrindo-as com sêdas nos mesmos tons. Conseguem-se trabalhos encantadores e de um originalíssimo efeito, sem ter a maçada de escolher e passar o desenho, que muitas vezes depois do bordado feito não é o que supunhamos.

### Trabalhos femininos

CONTINUAMOS a apresentar às nossas leitoras os trabalhos em «tricôt». As novidades aparecem todos os dias e nada há de mais

prático para a quadra que vamos atravessar. Damos o modelo de um lindo colete em malha «Dubied», que também pode ser executado em «tricôt» manual. É elegantíssimo, e a sua gola feita em ponto atravessado dá-lhe um graciosíssimo aspecto. Dentro de um «tailleur» fica lindamente, e usado sobre uma blusa, como o modelo mostra, é também confortável e serve de ligeiro abafo. A cor deve ser escolhida segundo o vestido com que se usa, mas fica lindo em amarelo, vermelho ou «beige».

O ponto é o mais simples possível, como podem ver. Apenas o ponto simples e o cinto e gola em ponto encanudo, que é formado por três malhas no ponto chamado de meia e outras três do ponto de liga, tendo o cuidado quando se volta de fazer o ponto ao contrário, para produzir os canudos.

### Receitas de cosinha

*Frango saltado à egípcia*:—Depois do frango depenado e bem limpo, corta-se em bocados. Alouram-se em muito bom azeite, os pedaços do frango, pondo na caçarola uma cebola grande, para que vá largando o suco, cinqüenta gramas de «champignons» cortados muito miudinhos e duzentas gramas de bom presunto em fatias grandes. Depois dispõe-se noutra caçarola uma camada de frango outra do mólho com os «champignons», outra de fatias de presunto. Cobre-se com dois tomates cortados ao meio e mete-se a caçarola no forno, vinte minutos. Para ficar mais gostoso e com mais mólho, havendo nesse dia caldo de carne ou vitela assada, deita-se na caçarola antes de a tirar do forno uma colherada do caldo ou do mólho da vitela. Deve servir-se na caçarola. É um prato gostosíssimo e que varia muito o paladar.

### Modificações

PARIS de antes da guerra vai a pouco e pouco desaparecendo, como tanta coisa que os nossos antepassados conheceram; o café Riche, o café Veran, o «Vaudeville», a passagem da Ópera, que deram o seu lugar a novas construções. O gracioso pavilhão do Hanovre, que foi mandado construir pelo elegante duque de Richelieu, não será em breve mais do que uma recordação. Por sua vez os «Ambassadeurs» são abandonados à picareta demolidora. Quantas recordações deixa este teatrinho, que surgiu nos Campos Elísios.

Tôdas as glórias do café-concerto desfilarão diante daquelas mesas, há mais de meio século: desde Yvette Guilbert ao célebre «Paulus», que se fazia aplaudir tôdas as noites. Logo depois da guerra os «Ambassadeurs» tinham sofrido uma grande modificação, tornando-se para os novos ricos um restaurante teatro-«dancing», no estilo americano. Em vez das antigas espirituosas canções, só se ouviam operetas e «jazz». A cidade de Paris fez agora construir um novo teatro onde se apresenta de verão e de inverno, trabalhos de tôdas as nacionalidades.

### Pensamento

Os delicados são infelizes, nada os satisfaz.

por um artigo do Korão, segundo o qual a mulher que pela quarta vez quer desposar o mesmo homem deve ser antes a mulher de um outro. Uma das tantas estranhas cautelas do Korão! O ex-esposo não queria submeter-se, mas não teve remédio senão procurar um homem que, por 24 horas, fizesse aos olhos do mundo, o papel de marido. Com a promessa de dois saquinhos de ouro, foi depressa encontrado um «hadja» (padre) chamado Meys, o qual em má situação financeira, se tornou o marido da sultana, não só por 24 horas, mas... por tôda a vida. O novo esposo agradeceu tanto à princesa que ela não quis mais saber do antigo marido, e conduziu este à presença do sultão, que aceitou o facto realizado. Meys Hadya, tornado Hadja Pachá, conhecido no verseto do Korão e ao porta-mandou erigir em Constantinopla a sua mesquita, que tem o seu nome e que é uma das belezas a admirar na linda cidade, que tantas e tão belas maravilhas possui.

### A mesa

É obrigação de tôda a mulher que sabe ser dona de casa, apresentar as que com ela vivem, uma mesa bem disposta, que abra o apetite. Não se come só com a boca, também os olhos dispõem a bem comer. Damos hoje uma gravura de uma mesa de almoço graciosamente arranjada, em que se salientam os ovos quentes, muito bem apresentados. Um ninho de palha artificial e raminhos de feto. É de um efeito encantador sobre a toalha de manhã, em quadras vermelhos, que põe uma nota de alegria na casa de jantar. Estamos certas de que às nossas leitoras, que ao seu «home» usam o máximo refinamento, agradará esta novidade, tão graciosa como interessante. A mulher deve ser cuidadosa em todos os pequenos detalhes da casa, mas sobretudo naqueles que à mesa dizem respeito, que são de uma importância capital.

### Conselhos uteis

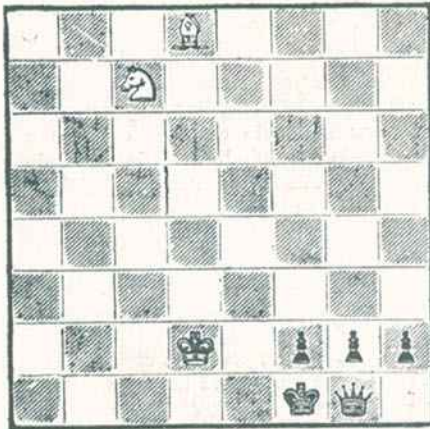
São numerosas, hoje, as senhoras que fumam. No entanto, o cheiro do tabaco não é muito feminino. É preciso corrigi-lo, perfumando os cigarros com a essência que se usa habitualmente. Para isso há duas maneiras



# Fim de festa

## XADREZ

Pretas — (5)



Branças — (3)

As brancas jogam e dão mate em sete lances.

Este problema não é realmente difícil visto ser tão limitada a escolha das pedras pretas. Diremos já que o primeiro lance é C 5 D, de modo que se o P T fizer Dama as brancas darão mate com C 3 R. Isto é um começo óbvio e por isso a sua revelação não tirará interêsse ao problema.

## CURIOSIDADES UM SINO COLOSSAL

A catedral de York, uma das mais belas de Inglaterra, possui um sino cuja história é deveras interessante.

Esse sino, que se chama *Great Peter*, pesa 10.800 quilos. Era impossível fazê-lo tocar pelo processo comum, pois que não oscilava o bastante para que o badalo lhe atingisse o bronze agusto. Nem quarenta homens puxando simultaneamente a corda do monstro conseguiam arrancar o mais leve som. Por isso, nas grandes cerimónias, o sineiro fazia-o vibrar batendo-lhe com um martelo apropriado.

Mas a engenharia chamou o caso a si e resolveu o caso. Como se tratasse duma roda de bicicleta, as duas extremidades do eixo do *Great Peter* estão hoje montados sobre «esferas rolan-tes». E três homens bastam para o fazerem tocar e até dobrar.

## BRIDGE (Solução)

A faz a primeira vasa com o Az de oiros e a segunda com a Dama de copas. Joga depois o Valete de copas, que D corta e B recorta, destruindo em seguida e jogando depois paus. A faz então as duas vasas deste naipe, e a última pertence ao último trunfo de B. Satisfizeram assim o seu compromisso.

## ANEDOTAS

Contam de Vivier, o grande disrutador e célebre trompista, há muito falecido:

Um dia, regressava da Bélgica a Paris. Ao chegar à estação do caminho de ferro, pôs duas malas de mão sobre a mesa onde os empregados da alfândega passavam a revista.

—O que trás nesta mala?... — pergunta-lhe o guarda.

—Duas serpentes, responde Vivier com a maior simplicidade.

O guarda tem um pequeno sobresalto, e não manda abrir.

—E na outra mala?

—Três serpentes, continua Vivier sem pestanear.

Aqui o guarda toma os ares de quem se põe a recordar os seus conhecimentos das tarifas, e em seguida, diz, num tom, que não admite discussão:

—Ao todo, cinco serpentes; pode passar!...

\*\*\*

Numa loja de loiças. Uma compradora examina uma garrafa de cristal para água.

—Isto é Baccarat?

—Não, minha senhora, isto é estrangeiro.

\*\*\*

—Aposto em como vejo mais do que tu? — dizia um cego dum ôlho a um amigo seu.

—Aposto que não.

—Aqui estão dez tostões.

—Aqui estão os meus.

—Ganhei eu — disse o primeiro — porque te vejo dois olhos, e tu não me vês senão um!

\*\*\*

—Por dois algarismos que me não saiu a sorte grande na lotaria do Natal!

—Então que número tinhas?

—Nenhum. Mas saí a um vizinho meu, que mora no número 25, e eu moro no 27.

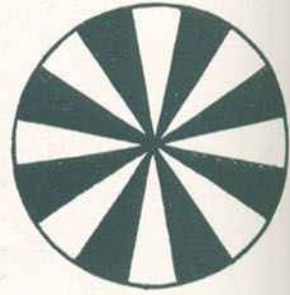
## A MOEDA FANTÁSTICA

(Ilusão de optica)

Recortem a figura que se vê no diafragma e coleem-na em cartão ou copiem o diafragma à tinta da China.

Coloquem-se de costas para a luz e segurem o cartão pelo canto inferior direito. Dêem áquêle em movimento rotativo, em qualquer direcção e com certa rapidez, mas fazendo girar só o pulso e não o braço todo.

Junto do centro do desenho vê-se há aparecer a sombra de uma moeda.



## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

A	R	A	R	A	T	A	L	C	O
T	A	R	A	R	I	R	I	A	R
I	M	A	N	R	A	Z	U	L	
R	O	L	L	E	A	A	S	A	
A	S	R	O	S	C	A	A	S	
		F	O	R	T	U	N	A	
P	A	A	P	A	R	O	R	E	
E	V	A	A	V	E	D	A	R	
R	A	T	A	A	C	A	I	R	
A	R	A	M	E	L	A	R	V	A
L	O	R	O	S	A	L	I	A	R

## PRECOCIDADE

Ha em Lyon, França, uma engomadeira que tendo casado aos quinze teve uma filha que, por sua vez, casou aos dezasséis anos, tornando-a avó aos 32 anos.

A neta, que casou o ano passado, teve agora um filhinho, que tem uma avó de 32 anos e a bisavó com 48 anos. Os médicos observaram que as três mulheres se parecem muito e foram todas muito precoces. Assim, como a neta não tem leite, o recém-nascido é amamentado pela avó, que ha onze mêses deu à luz o quarto filho.

A engomadeira, que se chama Ana Vaal, é de origem holandesa e muito popular em Lyon.

## PENSAMENTOS

A duvida é um dos principais caracteres do espirito humano: ella e a curiosidade representam a causa mais fecunda do progresso.

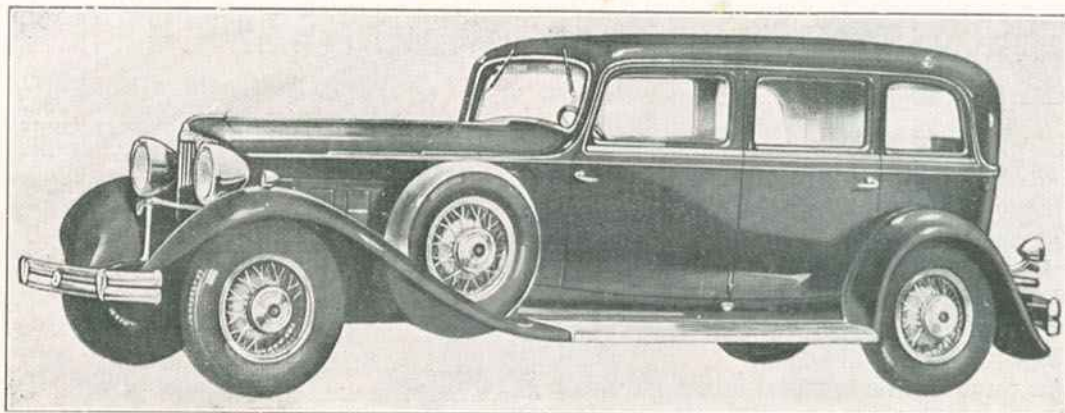
FLAMMARION

Alguns pedem aos livros a verdade, mas a graude maioria a illusão.

GONCOURT



A MÃE:—Ó FILHA, NÃO ANDES A SALTAR POR CIMA DAS CADREIRAS! QUANDO HÁS DE TU AIRENDER A ESTAR SENTADA, EM TERNOS, COMO UMA SENHORA?



Reo Elite Royal 8 cil.

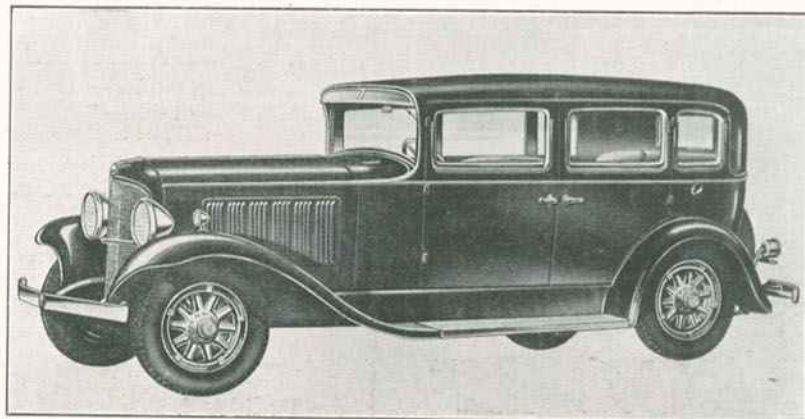
# Automoveis "REO" de 6 e 8 cilindros

FLYING CLOUD E REO ELITE ROYAL

**Uma verdadeira maravilha!**

**mecânica aperfeiçoada  
linhas de carrosserie  
resistência máxima  
suave na condução  
comodidade na estrada  
estabilidade máxima  
espaçosos em absoluto  
conforto inegualavel**

*Agentes geraes: CONTRERAS & GARRIDO, L.<sup>DA</sup>  
AVENIDA DA LIBERDADE, 165 — LISBOA*



Reo Flying Cloud 6 cil.

## PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS  
A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1884**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA  
Telefone 2 2074

## O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveriza-  
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —

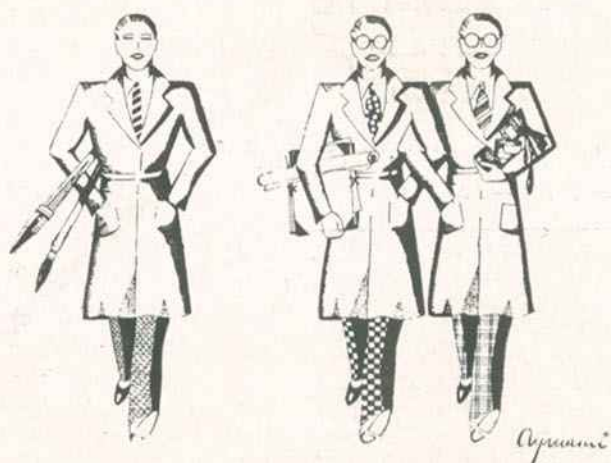
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12  
Telefone E 72

## GRAVADORE/

## IMPRESSORES/



TELEFONE  
2 1368

# BERTRAND IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

## Doida de Amor

NOVELA

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».  
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado  
**10\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**E' urgente, doutor...**



**Vou imediatamente.**

A pequena apareceu com um febrão. Correu-se ao Telefone e o medico veio imediatamente.

Depois, quando a doença ja tinha desaparecido, foi a ocasião de refletir: O que teria sido aquele momento de aflicção **sem Telefone...**

Em todas as emergencias o Telefone está ao alcance da vossa mão para prestar o seu incalculavel auxilio. Fiel e economico servo, dia e noite ao vosso serviço, ele chamará o medico, o bombeiro, o electricista, o canalizador, o policia, o fornecedor... Haverá quem não tenha Telefone?...

E quanto custa um Telefone? Na vossa residencia aproximadamente 1\$35 por dia. Ridiculo perante os serviços que presta. Mas a Companhia tem varias soluções para o pagamento do Telefone, para aqueles que não possam dispensar uma verba só, por ano.

**ESCREVA Á COMPANHIA.  
TELEFONE Á COMPANHIA.  
INFOME-SE NA COMPANHIA.**

**E**

**=Instale um Telefone=**

Este é um anúncio da  
**ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co. Ltd.**  
R. Nova da Trindade, 43—Lisboa  
R. da Picaria, 5—Porto

A' VENDA EM TODAS  
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

DO

# TOLEDO

IMPRESSÕES  
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas  
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## As Minhas Aventuras pela Europa

POR

**Charlie Chaplin (CHARLOT)**

INTERESSANTISSO LIVRO DO POPULAR  
**A Z DO CINEMA**

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»  
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme  
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia  
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

**Livraria BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 3.<sup>a</sup> edição

DE

# ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

«Os descritivos do romance, que muitos são,  
insinuando-se-nos alguns na retina como paisa-  
gens de mestre, encontram parceiros condignos  
nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante  
a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

**G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça  
da inteligência, a falta de energia, a fraqueza  
de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo  
os experimentados doutores *Huig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7\$00**

PEDIDOS À

**Livraria BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

## Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

**O Amor — A Mulher — O Lar**

Cada volumezinho, broc. **3\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# BOLACHIAS

A GRANDE  
M A R C A  
PORTUGUESA



Variadas e  
saborosissimas  
qualidades

UM UNICO FABRICO  
O MELHOR

# NACIONAL

# Hoje em dia...

Todos pensam em reduzir despesas.

V. Ex.<sup>a</sup> pode reduzir as despesas com o seu automóvel... se empregar Mobiloil.

Mobiloil é o lubrificante mais estável que se conhece — dura muito. Mobiloil reduz o atrito e, portanto, o consumo de gasolina.

Mas o emprêgo de Mobiloil não representa só mais quilómetros por litro, — promove também uma conservação muito mais económica, porque garante menos formação de carvão e menos desgaste, evitando reparações e aumentando assim a vida do seu carro.

Ao comprar óleo lubrificante, deve fazê-lo com economia. Lembre-se de quais Austin, Hillman, Citroën, Peugeot e muitos outros de igual reputação, recomendam:

## Muito importante

As vantagens do emprêgo do Mobiloil são indiscutíveis. Assegure-se, porém, de que o adquira sempre em latas fechadas apresentando intacta a cápsula com o GARGOYLE vermelho.



# Mobiloil

Um pouco mais caro — Mas vale a diferença.

**Vacuum Oil Company, Inc.**